

MACHADO

CONTOS SELECIONADOS DA LEIA BRASIL

Missa do Galo - Machado de Assis

Angústia - Anton Tchekov

Mademoiselle Fifi - Guy de Maupassant

Gaetaninho - Antonio Alcântara Machado

O boi velho - Simões Lopes Neto

O lábio leporino do Menino Jesus - Cássia Janeiro

Estórias Codificadas - Rosani Abou Adal

A amante ideal - João do Rio

Márcia - Luciano Bastos

O único assassino de Cazuza - Lima Barreto

Os moradores do apartamento 501 - Ingrid Morandian

Rosa chá - Jason Prado

Caixa de bombom - Vanessa Batista dos Santos

A filha do patrão - Arthur Azevedo

O esqueleto - Aloisio de Azevedo

Traças - Jaime Leibovitch

Solfieri - Álvares de Azevedo

Decotes de quinze anos - Raul Pompéia

O gato preto - Edgar Allan Poe

Organização

Jason Prado e Paulo Conдини



leiaBrasil

MACHADO

Contos Seleccionados da Leia Brasil

Leia Brasil

ONG de Promoção da Leitura

Rua Álvaro Alvim, 48 - sala 1105

Cinelândia - Centro - 20.031-010

leia@leiabrasil.org.br

www.leiabrasil.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Machado [livro eletrônico] : contos seleccionados da Leia Brasil / organização Jason Prado , Paulo Condini. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Leia Brasil, 2025.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-993647-2-3

1. Contos brasileiros - Coletâneas I. Prado, Jason. II. Condini, Paulo.

25-247730

CDD-B869.308

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Antologia : Literatura brasileira
B869.308

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Apresentação

Prezados Leitores,

É com satisfação e orgulho que publicamos MACHADO, nosso primeiro livro com uma seleta de Contos.

Criado para dar espaço editorial para contistas brasileiros, iniciantes ou mesmo já publicados, e também estrangeiros residentes no País, conforme projeto divulgado em outubro de 2024.

Este primeiro livro, gratuito, conta com maior número de escritores consagrados, enquanto aguardamos contribuições de autores contemporâneos para as próximas edições.

Esperamos que vocês tenham uma leitura prazerosa.

Comitê Editorial da Leia Brasil.

MISSA DO GALO

Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis (Rio de Janeiro, 21 de junho de 1839 – Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1908) foi um escritor brasileiro amplamente reconhecido por críticos, estudiosos, escritores e leitores como o maior expoente da literatura brasileira. Sua produção literária abrangeu praticamente todos os gêneros, incluindo poesia, romance, crônica, dramaturgia, conto, folhetim, jornalismo e crítica literária. Machado de Assis testemunhou a Abolição da Escravatura e a transição política do Brasil, com a proclamação da República em substituição ao Império, além de diversos eventos significativos no final do século XIX e início do século XX, sendo um notável comentarista e relator dos acontecimentos político-sociais de sua época.

Nascido no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, de uma família pobre, mal estudou em escolas públicas e nunca frequentou universidade. Para o considerado crítico literário norte-americano Harold Bloom, Machado de Assis é o maior escritor negro de todos os tempos.

Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos à missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia-noite.

A casa em que eu estava hospedado era a do escrivão Meneses, que fora casado, em primeiras núpcias, com uma de minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios. Vivia tranqüilo, naquela casa assobradada da rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas. Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente

estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana. Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas, afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito.

Boa Conceição! Chamavam-lhe "a santa", e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas. Deus me perdoe, se a julgo mal. Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar.

Naquela noite de Natal foi o escrivão ao teatro. Era pelos anos de 1861 ou 1862. Eu já devia estar em Mangaratiba, em férias; mas fiquei até o Natal para ver "a missa do galo na Corte". A família recolheu-se à hora do costume; eu meti-me na sala da frente, vestido e pronto. Dali passaria ao corredor da entrada e sairia sem acordar ninguém. Tinha três chaves a porta; uma estava com o escrivão, eu levaria outra, a terceira ficava em casa.

- Mas, Sr. Nogueira, que fará você todo esse tempo? perguntou-me a mãe de Conceição.

- Leio, D. Inácia.

Tinha comigo um romance, os *Três Mosqueteiros*, velha tradução creio do *Jornal do Comércio*. Sentei-me à mesa que havia no centro da sala, e à luz de um candeeiro de querosene, enquanto a casa dormia, trepei ainda uma vez ao cavalo magro de D'Artagnan e fui-me às aventuras. Dentro em pouco estava completamente ébrio de Dumas. Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso. Entretanto, um pequeno rumor que ouvi dentro veio acordar-me da leitura. Eram uns passos no corredor que ia da sala de visitas à de jantar; levantei a cabeça; logo depois vi assomar à porta da sala o vulto de Conceição.

- Ainda não foi? Perguntou ela.

- Não fui; parece que ainda não é meia-noite.

- Que paciência!

Conceição entrou na sala, arrastando as chinelinhas da alcova. Vestia um roupão branco, mal apanhado na cintura. Sendo magra, tinha um ar de visão romântica, não disparatada com o meu livro de aventuras. Fechei o livro; ela foi sentar-se na cadeira que ficava defronte de mim, perto do canapé. Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

- Não! qual! Acordei por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pegado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma coisa em outro espírito, depressa a botei fora, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para me não afligir ou aborrecer. Já disse que ela era boa, muito boa.

- Mas a hora já há de estar próxima, disse eu.

- Que paciência a sua de esperar acordado, enquanto o vizinho dorme! E esperar sozinho! Não tem medo de almas do outro mundo? Eu cuidei que se assustasse quando me viu.

- Quando ouvi os passos estranhei; mas a senhora apareceu logo.

- Que é que estava lendo? Não diga, já sei, é o romance dos *Mosqueteiros*.

- Justamente: é muito bonito.

- Gosta de romances?

- Gosto.

- Já leu a *Moreninha*?

- Do Dr. Macedo? Tenho lá em Mangaratiba.

- Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido?

Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio-cerradas, sem os tirar de mim. De vez em quando passava a língua pelos beiços, para umedecê-los. Quando acabei de

falar, não me disse nada; ficamos assim alguns segundos. Em seguida, vi-a endireitar a cabeça, cruzar os dedos e sobre eles pousar o queixo, tendo os cotovelos nos braços da cadeira, tudo sem desviar de mim os grandes olhos espertos.

- Talvez esteja aborrecida, pensei eu.

E logo alto:

- D. Conceição, creio que vão sendo horas, e eu...

- Não, não, ainda é cedo. Vi agora mesmo o relógio; são onze e meia. Tem tempo. Você, perdendo a noite, é capaz de não dormir de dia?

- Já tenho feito isso.

- Eu, não; perdendo uma noite, no outro dia estou que não posso, e, meia hora que seja, hei de passar pelo sono. Mas também estou ficando velha.

- Que velha o quê, D. Conceição?

Tal foi o calor da minha palavra que a fez sorrir. De costume tinha os gestos demorados e as atitudes tranquilas; agora, porém, ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite. Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou consertando a posição de algum objeto no aparador; afinal deteve-se, ante mim, com a mesa

de permeio. Estreito era o círculo das suas ideias; tornou ao espanto de me ver esperar acordado; eu repeti-lhe o que ela sabia, isto é, que nunca ouvira missa do galo na Corte, e não queria perdê-la.

- É a mesma missa da roça; todas as missas se parecem.

- Acredito; mas aqui há de haver mais luxo e mais gente também. Olhe, a semana santa na Corte é mais bonita que na roça. São João não digo, nem Santo Antônio...

Pouco a pouco, tinha-se inclinado; fincara os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas. Não estando abotoadas, as mangas, caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muitos claros, e menos magros do que se poderiam supor. A vista não era nova para mim, posto também não fosse comum; naquele momento, porém, a impressão que tive foi grande. As veias eram tão azuis, que apesar da pouca claridade, podia contá-las do meu lugar. A presença de Conceição espertara-me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras coisas que me iam vindo à boca. Falava emendando os assuntos, sem saber por que, variando deles ou tornando aos primeiros, e rindo para fazê-la sorrir e ver-lhe os dentes que luziam de brancos, todos iguaizinhos. Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, seco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo. Quando eu alteava um pouco a voz, ela reprimia-me:

- Mais baixo! Mamãe pode acordar.

E não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras. Realmente, não era preciso falar alto para

ser ouvido; cochichávamos os dois, eu mais que ela, porque falava mais; ela, às vezes, ficava séria, muito séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cansou; trocou de atitude e de lugar. Deu volta à mesa e veio sentar-se do meu lado, no canapé. Voltei-me, e pude ver, a furto, o bico das chinelas; mas foi só o tempo que ela gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo. Recordo-me que eram pretas. Conceição disse baixinho:

- Mamãe está longe, mas tem o sono muito leve; se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono.

- Eu também sou assim.

- O quê? Perguntou ela inclinando o corpo para ouvir melhor.

Fui sentar-me na cadeira que ficava ao lado do canapé e repeti a palavra. Riu-se da coincidência; também ela tinha o sono leve; éramos três sonos leves.

- Há ocasiões em que sou como mamãe: acordando, custa-me dormir outra vez, rolo na cama, à toa, levanto-me, acendo vela, passeio, torno a deitar-me, e nada.

- Foi o que lhe aconteceu hoje.

- Não, não, atalhou ela.

Não entendi a negativa; ela pode ser que também não a entendesse. Pegou das pontas do cinto e bateu com elas sobre os joelhos, isto é, o joelho direito, porque acabava de cruzar as pernas. Depois referiu uma história de sonhos, e afirmou-me que só tivera um pesadelo, em criança. Quis saber se eu os tinha. A conversa reatou-se assim lentamente, longamente, sem que eu desse pela hora nem

pela missa. Quando eu acabava uma narração ou uma explicação, ela inventava outra pergunta ou outra matéria, e eu pegava novamente na palavra. De quando em quando, reprimia-me:

- Mais baixo, mais baixo...

Havia também umas pausas. Duas outras vezes, pareceu-me que a via dormir; mas os olhos, cerrados por um instante, abriam-se logo sem sono nem fadiga, como se ela os houvesse fechado para ver melhor. Uma dessas vezes creio que deu por mim embebido na sua pessoa, e lembra-me que os tornou a fechar, não sei se apressada ou vagarosamente. Há impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me. Uma das que ainda tenho frescas é que, em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima. Estava de pé, os braços cruzados; eu, em respeito a ela, quis levantar-me; não consentiu, pôs uma das mãos no meu ombro, e obrigou-me a estar sentado. Cuidei que ia dizer alguma coisa; mas estremeceu, como se tivesse um arrepio de frio, voltou as costas e foi sentar-se na cadeira, onde me achara lendo. Dali relanceou a vista pelo espelho, que ficava por cima do canapé, falou de duas gravuras que pendiam da parede.

- Estes quadros estão ficando velhos. Já pedi a Chiquinho para comprar outros.

Chiquinho era o marido. Os quadros falavam do principal negócio deste homem. Um representava "Cleópatra"; não me recordo o assunto do outro, mas eram mulheres. Vulgares ambos; naquele tempo não me pareciam feios.

- São bonitos, disse eu.

- Bonitos são; mas estão manchados. E depois francamente, eu preferia duas imagens, duas santas. Estas são mais próprias para sala de rapaz ou de barbeiro.

- De barbeiro? A senhora nunca foi a casa de barbeiro.

- Mas imagino que os fregueses, enquanto esperam, falam de moças e namoros, e naturalmente o dono da casa alegre a vista deles com figuras bonitas. Em casa de família é que não acho próprio. É o que eu penso; mas eu penso muita coisa assim esquisita. Seja o que for, não gosto dos quadros. Eu tenho uma Nossa Senhora da Conceição, minha madrinha, muito bonita; mas é de escultura, não se pode pôr na parede, nem eu quero. Está no meu oratório.

A ideia do oratório trouxe-me a da missa, lembrou-me que podia ser tarde e quis dizê-lo. Penso que cheguei a abrir a boca, mas logo a fechei para ouvir o que ela contava, com doçura, com graça, com tal moleza que trazia preguiça à minha alma e fazia esquecer a missa e a igreja. Falava das suas devoções de menina e moça. Em seguida referia umas anedotas de baile, uns casos de passeio, reminiscências de Paquetá, tudo de mistura, quase sem interrupção. Quando cansou do passado, falou do presente, dos negócios da casa, das canseiras de família, que lhe diziam ser muitas, antes de casar, mas não eram nada. Não me contou, mas eu sabia que casara aos vinte e sete anos.

Já agora não trocava de lugar, como a princípio, e quase não saíra da mesma atitude. Não tinha os grandes olhos compridos, e entrou a olhar à toa para as paredes.

- Precisamos mudar o papel da sala, disse daí a pouco, como se falasse consigo.

Concordei, para dizer alguma coisa, para sair da espécie de sono magnético, ou o que quer que era que me tolhia a língua e os sentidos. Queria e não queria acabar a conversação; fazia esforço para arredar os olhos dela, e arredava-os por um sentimento de respeito; mas a ideia de parecer que era aborrecimento, quando não era, levava-me os olhos outra vez para Conceição. A conversa ia morrendo. Na rua, o silêncio era completo.

Chegamos a ficar por algum tempo, - não posso dizer quanto, - inteiramente calados. O rumor único e escasso, era um roer de camundongo no gabinete, que me acordou daquela espécie de sonolência; quis falar dele, mas não achei modo. Conceição parecia estar devaneando. Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz que bradava: "Missa do galo! missa do galo!"

- Aí está o companheiro, disse ela levantando-se. Tem graça; você é que ficou de ir acordá-lo, ele é que vem acordar você. Vá, que não de ser horas; adeus.

- Já serão horas? perguntei.

- Naturalmente.

- Missa do galo! repetiram de fora, batendo.

-Vá, vá, não se faça esperar. A culpa foi minha. Adeus; até amanhã.

E com o mesmo balanço do corpo, Conceição enfiou pelo corredor dentro, pisando mansinho. Saí à rua e achei o vizinho que esperava. Guiamos dali para a igreja. Durante a missa, a figura de Conceição interpôs-se mais de uma vez, entre mim e o padre; fique isto à conta dos meus dezessete anos. Na manhã seguinte, ao almoço, falei da

missa do galo e da gente que estava na igreja sem excitar a curiosidade de Conceição. Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benigna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera. Pelo Ano-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro, em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido.



ANGÚSTIA

Anton Tchekhov

Tradução: Boris Schnaidermann

A quem confiar minha tristeza?

Anton Pavlovitch Tchekhov, (Αντόν Πάβλοβιτς Τσέχοβ) nasceu em Taganrog, 29 de janeiro de 1860 e faleceu em Badenweiler em 15 de julho de 1904. Foi médico, dramaturgo e escritor russo, considerado um dos maiores contistas de todos os tempos. Em sua carreira como dramaturgo criou quatro clássicos (Gaiivota, Tio Vânia, O Jardim das Cerejeiras e As Três Irmãs) e seus contos têm sido aclamados por escritores e críticos. Tchekhov foi médico durante a maior parte de sua carreira literária e, em uma de suas cartas, ele escreve a respeito: "A medicina é a minha legítima esposa e a literatura é apenas minha amante"

Crepúsculo vespertino. Uma neve úmida, em grandes flocos, remoinha preguiçosa junto aos lampiões recém-acesos, cobrindo com uma camada fina e macia os telhados das casas, os dorsos dos cavalos, os ombros das pessoas, os chapéus. O cocheiro Iona Potapov está completamente branco, como um fantasma. Encolhido o mais que pode se encolher um corpo vivo, está sentado na boleia, sem se mover.

Tem-se a impressão de que, mesmo que caísse sobre ele um montão de neve, não consideraria necessário sacudi-la... Seu rocim está igualmente branco e imóvel. Graças a sua imobilidade, à angulosidade das formas e à perpendicularidade de estaca de suas patas, parece mesmo, de perto, um cavalinho de pão-de-ló de um copeque. Seguramente, ele está imerso em meditação.

Não pode deixar de meditar quem foi arrancado do arado, da paisagem cinzenta e familiar, e atirado nessa voragem, repleta de luzes monstruosas, de um barulho incessante e de gente correndo...

Faz muito tempo que Iona e seu rocim não se mexem do lugar. Saíram de casa ainda antes do jantar, e, até agora, não apareceu trabalho. Mas, eis que a treva noturna desce sobre a cidade. A palidez das luzes dos lampiões cede lugar a cores vivas e a confusão das ruas torna-se mais barulhenta.

– Cocheiro, para a Víborgskaia! – ouve Iona. – Cocheiro!

Estremece e vê, através das pestanas cobertas de neve, um militar de capote com capuz.

– Para a Viborgskaia! – repete o militar. – Está dormindo? Para a Víborgskaia!

Em sinal de consentimento, Iona puxa as rédeas, e a neve cai em camadas de seus ombros e do dorso do cavalo...

O militar senta-se no trenó. O cocheiro faz ruído com os lábios, estende o pescoço à feição de cisne, ergue-se um pouco e agita o chicote, mais por hábito que por necessidade. O cavalinho estica também o pescoço, entorta as pernas, que parecem estacas, e desloca-se com indecisão...

– Onde vai, demônio?! – ouve, logo depois, Iona exclamações partidas da massa escura de gente, que se desloca em ambos os sentidos. – Para onde te empurram os diabos? Mantenha-se à direita!

– Não sabe dirigir! Olha a direita – zanga-se o militar.

O cocheiro de uma carruagem solta improperios; um transeunte, que atravessou a rua correndo e chocou-se com o ombro contra a cara do rocim, lança um olhar rancoroso e sacode a neve da manga. Na boleia, Iona parece sentado sobre alfinetes e aponta com os cotovelos para os lados; seus olhos tontos perpassam pelas coisas, como se não compreendesse onde se encontra e o que está fazendo ali.

– Que gente canalha! – graceja o militar. – Eles se esforçam em chocar-se contra você ou cair embaixo do cavalo.

Combinaram isso.

Iona volta-se para o passageiro e move os lábios...

Sem dúvida, quer dizer algo, mas apenas uns sons vagos lhe saem da garganta.

– O quê? – pergunta o militar.

Iona torce a boca num sorriso, faz um esforço com a garganta e cicia:

– Pois é, meu senhor, assim é... perdi um filho esta semana.

– Hum!... De que foi que morreu?

Iona volta todo o corpo na direção do passageiro e diz:

– Quem é que pode saber! Acho que foi de febre... Passou três dias no hospital e morreu... Deus quis.

– Dá a volta, diabo! – ressoa nas trevas uma voz. – Não está mais enxergando, cachorro velho? É com os olhos que tem que olhar!

– Anda, anda... – diz o passageiro. – Assim, não chegamos nem amanhã. Mais depressa!

O cocheiro estica novamente o pescoço, ergue-se um pouco e agita o chicote, com uma graciosidade pesada. Depois, torna a olhar algumas vezes para o passageiro, mas este fechou os olhos e parece pouco disposto a ouvir. Depois de deixá-lo na Víborgskaia, para diante de uma taverna, encurva-se sobre a boleia e fica novamente imóvel... A neve molhada torna a pintá-lo de branco, juntamente com o rocim. Decorre uma hora... outra...

Três jovens passam pela calçada, fazendo muito barulho com as galochas e trocando improperios: dois deles são altos e magros, o terceiro é pequeno e corcunda.

– Cocheiro, para a Ponte Politzéiski! – grita o corcunda, com voz surda. – Damos vinte copeques... os três!

Iona sacode as rédeas e faz ruído com os lábios. Vinte copeques são um preço inadequado, mas, agora, pouco lhe importa o preço... Tanto faz seja um rublo ou cinco copeques, contanto que haja passageiros... Empurrando-se e soltando palavrões, os jovens acercam-se do trenó e sobem para os assentos, os três ao mesmo tempo. Começam a discutir a questão: dois deles irão sentados, e quem vai ficar de pé?

Depois de uma longa troca de insultos, manhas e recriminações, chegam à conclusão de que o corcunda é quem deve ficar de pé, por ser o menor.

– Bem, faz o cavalo andar! – grita com voz trêmula o corcunda, ajeitando-se de pé e soprando no pescoço de Iona. – Dá nele! Que

chapéu você tem, irmão! Não se encontra um pior em toda Petersburgo...

– Hi-i... hi-i... – ri Iona. – Assim é...

– Ora, você assim é, bate no cavalo! Vai andar desse jeito o tempo todo? Sim? E se eu te torcer o pescoço?

– Estou com a cabeça estalando... – diz um dos moços compridos.

– Ontem, em casa dos Dukmassov, eu e Vaska tornamos quatro garrafas de conhaque.

Não compreendo para que mentir! – irrita-se o outro moço comprido. – Mente como um animal.

– Que Deus me castigue, é verdade...

– Tão verdade como um piolho tossindo.

– Hi-i! – ri Iona entre dentes. – Que senhores alegres!

– Irra, com todos os diabos!... – indigna-se o corcunda. – Você vai andar ou não, velha peste? É assim que se anda? Estala o chicote no cavalo! Eh, diabo! Eh! Dá nele!

Iona sente, atrás de si, o corpo agitado e a voz trêmula do corcunda. Ouve os insultos que lhe são dirigidos, vê gente, e o sentimento de solidão começa, pouco a pouco, a deixar-lhe o peito. O corcunda continua os improperios e, por fim, engasga com um insulto rebuscado, descomunal, e desanda a tossir. Os moços compridos começam a falar de uma certa Nadiejda Pietrovna. Iona volta a cabeça para olhá-los. Aproveitando uma pausa curta, olha mais uma vez e balbucia:

– Esta semana... assim, perdi meu filho!

– Todos vamos morrer. – suspira o corcunda, enxugando os lábios, após o acesso de tosse. – Bem, bate nele, bate nele! Minha gente, decididamente, não posso continuar andando assim! Esta corrida não acaba mais?

– Você deve animá-lo um pouco... umas pancadas no pescoço!

– Está ouvindo, velha peste? Vou te moer o pescoço de pancada! Não se pode fazer cerimônia com gente como você, senão é melhor andar a pé! Está ouvindo, Zmiéi Gorínitch? Ou você não se importa com o que a gente diz?

E Iona ouve, mais que sente, os sons de uma pancada no pescoço.

– Hi-i... – ri ele. – Senhores alegres... que Deus lhes dê saúde!

– Cocheiro, você é casado? – pergunta um dos compridos.

Eu? Hi-i... que senhores alegres! Agora, só tenho uma mulher, a terra fria... Hi-ho-ho... O túmulo, quer dizer!... Meu filho morreu, e eu continuo vivo... Coisa esquisita, a morte errou de porta... Em vez de vir me buscar, foi procurar o filho...

E Iona volta-se, para contar como lhe morreu o filho, mas, nesse momento, o corcunda solta um suspiro de alívio e declara que, graças a Deus, chegaram ao destino. Tendo recebido vinte copeques, Iona fica por muito tempo olhando os pândegos, que vão desaparecendo no escuro saguão. Está novamente só e, de novo, o silêncio desce sobre ele... A angústia que amainara por algum tempo torna a aparecer, inflando-lhe o peito com redobrada força. Os olhos de Iona correm, inquietos e sofredores, pela multidão que se agita de ambos os lados da rua: não haverá, entre esses milhares de pessoas, uma ao menos que possa ouvi-lo? Mas a multidão

corre, sem reparar nele, nem na sua angústia... Uma angústia imensa, que não conhece fronteiras. Dá a impressão de que, se o peito de Iona estourasse e dele fluísse para fora aquela angústia, daria para inundar o mundo e, no entanto, não se pode vê-la. Conseguiu caber numa casca tão insignificante, que não se pode percebê-la mesmo de dia, com muita luz...

Iona vê o zelador de uma casa, carregando um embrulho, e resolve travar conversa.

– Que horas são, meu caro? – pergunta.

– Mais de nove... Por que você parou aqui? Passa!

Iona afasta-se alguns passos, torce o corpo e entrega-se à angústia... Considera já inútil dirigir-se às pessoas. Mas, decorridos menos de cinco minutos, endireita-se, sacode a cabeça, como se houvesse sentido uma dor aguda e puxa as rédeas... Não pode mais.

"Para casa", pensa, "para casa".

E o cavalinho, como se tivesse compreendido seu pensamento, começa a trotar ligeiramente. Uma hora e meia depois, Iona está sentado junto ao fogão grande e sujo. Há gente roncando em cima do fogão, no chão e sobre os bancos. O ar é abafado, sufocante... Iona olha para os que dormem, coça a cabeça e lamenta haver voltado tão cedo para casa...

"Não ganhei nem para a aveia", pensa. "Daí essa angústia. Uma pessoa que conhece o ofício... que está bem alimentada e tem o cavalo bem nutrido também, está sempre calma..."

Num dos cantos, levanta-se um jovem cocheiro, funga, sonolento, e arrasta-se para o balde d'água.

– Ficou com sede? – pergunta Iona.

– Com sede, sim!

– Bem... Que lhe faça proveito... Pois é, irmão, e eu perdi um filho... Está ouvindo? Foi esta semana, no hospital... Que coisa!

Iona procura ver o efeito que causaram suas palavras, mas não vê nada. O jovem se cobriu até a cabeça e já está dormindo. O velho suspira e se coça... Assim como o jovem quis beber, assim ele quer falar. Vai fazer uma semana que lhe morreu o filho e ele ainda não conversou direito com alguém sobre aquilo... É preciso falar com método, lentamente...

É preciso contar como o filho adoeceu, como padeceu, o que disse antes de morrer e como morreu... É preciso descrever o enterro e a ida ao hospital, para buscar a roupa do defunto. Na aldeia, ficou a filha Aníssia... É preciso falar sobre ela também... De quantas coisas mais poderia falar agora? O ouvinte deve soltar exclamações, suspirar, lamentar... E é ainda melhor falar com mulheres. São umas bobas, mas desandam a chorar depois de duas palavras.

"É bom ir ver o cavalo", pensa Iona. "Sempre há tempo para dormir..."

Veste-se e vai para a cocheira, onde está seu cavalo. Iona pensa sobre a aveia, o feno, o tempo... Estando sozinho, não pode pensar no filho... Pode-se falar sobre ele com alguém, mas pensar nele

sozinho, desenhar mentalmente sua imagem, dá um medo insuportável...

Está mastigando? – pergunta Iona ao cavalo, vendo seus olhos brilhantes. – Ora, mastiga, mastiga... Se não ganhamos para a aveia, vamos comer feno... Sim... Já estou velho para trabalhar de cocheiro... O filho é que devia trabalhar, não eu... Era um cocheiro de verdade... Só faltou viver mais...

Iona permanece algum tempo em silêncio e prossegue:

– Assim é, irmão, minha eguinha... Não existe mais Kuzmá Iônitch... Foi-se para o outro mundo... Morreu assim, por nada... Agora, vamos dizer, você tem um potrinho, que é teu filho... E, de repente, vamos dizer, esse mesmo potrinho vai para o outro mundo... Dá pena, não é verdade?

O cavalinho vai mastigando, escuta e sopra na mão de seu amo... Iona anima-se e conta-lhe tudo...



MADEMOISELLE FIFI

Guy de Maupassant

Henry René Albert Guy de Maupassant (1850-1895) foi escritor, poeta e um dos maiores contistas de todos os tempos. Sua obra é conhecida por retratar situações psicológicas e fazer crítica social com técnica naturalista. Maupassant teve uma infância e uma juventude aparentemente felizes no campo, em companhia da mãe, uma mulher culta e depressiva que foi abandonada pelo marido. Na década de 1870 ele se dirigiu a Paris, onde se firmou como contista e teve contato com os grandes escritores realistas e naturalistas da época: Zola, Flaubert e o russo Turguêniev.

Entre 1875 e 1885, produziu a maior parte de seus romances e contos. Escreveu pelo menos 500 histórias curtas, muitas das quais se tornaram mundialmente conhecidas, como Bola de Sebo, O Colar, Uma Aventura Parisiense, Mademoiselle Fifi, Miss Harriett e O Horla. Em 1892 Guy de Maupassant tentou o suicídio. Morreu, porém, no ano seguinte, em um manicômio, aos 45 anos de idade, em consequência de complicações da sífilis.

O major comandante prussiano, conde de Farlsberg, acabava de ler sua correspondência, com as costas afundadas numa ampla poltrona estofada e as botas pousados no elegante mármore da lareira, onde as esporas, no decurso dos três meses em que ocupava o castelo de Uville, haviam traçado dois fundos orifícios, dia a dia um pouco mais escavados. Uma xícara de café fumegava sobre uma mesa redonda de marchetaria, manchada pelos licores, queimada pelos charutos, talhada pelo canivete do oficial, que às vezes traçava sobre o gracioso móvel algarismos ou desenhos, ao capricho da sua indolente fantasia.

Tendo terminado a leitura das cartas e percorrido os jornais alemães que seu ordenança lhe trouxera, levantou-se, e depois de

ativar o fogo com três ou quatro enormes achas de lenha verde, das árvores que derrubavam do parque para se aquecer, aproximou-se da janela.

A chuva caía a cântaros, uma chuva normanda que se diria atirada por mão furiosa, uma chuva enviesada, espessa como uma cortina, formando uma espécie de muro de listras oblíquas, uma chuva fustigante, tudo salpicando, tudo inundando, verdadeira chuva dos arredores de Rouen, esse vaso noturno da França.

O oficial contemplou longamente os relvados cheios d'água, e ao longe o Andelle engrossado, que transbordava. Tamborilava contra a vidraça uma valsa do Reno, quando um rumor fê-lo voltar-se. Era seu imediato, o barão de Kelweigstein, que ocupava o posto equivalente ao de capitão.

O major era um gigante de espáduas largas, com longa barba em forma de leque, abrindo-se sobre o peito como um guardanapo. Da cabeça aos pés, a sua pessoa avantajada dava a ideia de um pavão militar, um pavão cuja cauda se desdobrasse no queixo. Tinha olhos azuis, frios e tranquilos, uma das faces lanhada por um golpe de sabre, recebido na guerra da Áustria, e diziam-no homem tão reto quanto oficial destemido.

O capitão, homenzinho corado, de ventre proeminente, estreitamente cintado, usava muito curta a barba vermelha, cujos fios cor de fogo faziam supor, quando batidos por certos reflexos, que seu rosto fora esfregado com fósforo. Dois dentes perdidos numa noite de pândega, sem que ao menos se lembrasse como, faziam-no cuspir palavras espessas, nem sempre inteligíveis. Era calvo apenas no alto do crânio, tonsurado como um frade, com uma coroa de cabelinhos frisados, dourados e brilhantes orlando aquele

círculo de carne nua.

O comandante apertou-lhe a mão, e em seguida engoliu de um só trago a sua xícara de café, a sexta nessa manhã, enquanto escutava do seu subordinado a relação dos incidentes ocorridos em serviço. Depois ambos se aproximaram da janela, comentando que aquilo não era nem um pouco divertido. Homem sossegado, casado em sua pátria, o major adaptava-se facilmente à situação. O barão, porém, boêmio incorrigível, frequentador de lupanares, impetuoso conquistador, irritava-se com estar encerrado havia três meses naquela posição perdida, numa castidade obrigatória.

Ouvindo alguém bater à porta, o comandante mandou entrar e um de seus soldados autômatos apareceu, anunciando pela sua simples presença que o almoço estava servido.

Na sala de refeição encontraram três oficiais de posto inferior: um tenente, Otto de Gossling; dois subtenentes, Fritz Schcenaubourg e o marquês Wilhem d'Eyrrik, lourinho orgulhoso e brutal com seus subordinados, duro para com os vencidos e violento como uma arma de fogo.

Desde que entrara na França, os companheiros do marquês d'Eyrrik só o tratavam por Mademoiselle Fifi. Devia a alcinha ao seu andar requebrado, à sua cintura fina que se diria comprimida por espartilho, ao seu rosto pálido onde mal repontava um bigode incipiente, e também ao hábito que adquirira de, para expressar seu soberano desprezo pelos seres e pelas coisas, servir-se a todo momento da locução francesa *fi, fi donc*, que pronunciava com ligeiro sibilo.

A sala de jantar do castelo de Uville era uma peça ampla e imponente. Os espelhos de cristal antigo, agora estrelados de balas,

e as requintadas tapeçarias de Flandres, dilaceradas por golpes de sabre e despregadas em alguns lugares, denunciavam as ocupações de Mlle. Fifi nas suas horas de lazer. Nas paredes, três retratos de família — um guerreiro de armadura, um cardeal e um presidente fumando longo cachimbo de porcelana — enquanto uma nobre dama de busto espartilhado, na sua moldura desdourada pelos anos, exibia um enorme bigode desenhado a carvão.

O almoço dos oficiais decorreu quase em silêncio naquele salão mutilado, ensombrecido pela embriaguez, confrangedor pelo seu aspecto de derrota, tornado sórdido como um chão de taberna o seu antigo soalho de carvalho.

Terminada a refeição, à hora de fumar, puseram-se a falar, como faziam todos os dias, do tédio que experimentavam. As garrafas de conhaque e de licores passavam de mão em mão, e todos, recostados nas cadeiras, bebiam vagorosamente, em goles repetidos, conservando o cachimbo no canto da boca, longo tubo curvo rematado pelo ovo de faiança, sarapintado como para seduzir hotentotes. Mal os copos se esvaziavam, tornavam a enchê-los, com um gesto de resignada lassidão. Mlle. Fifi quebrava o seu, a toda hora, e imediatamente um soldado lhe apresentava outro.

Envolveria-os uma cerração feita de fumaça acre, e pareciam engolfar-se numa embriaguez triste e entorpecedora, naquela ebriedade melancólica das pessoas que nada têm com que se ocupar.

Subitamente, o barão se aprumou. Sacudia-o um assomo de revolta. Praguejou:

— Com todos os diabos! Isto assim não pode continuar! Afinal, é preciso inventar qualquer coisa para fazer!

O tenente Otto e o subtenente Fritz, dois alemães dotados de características fisionomias pesadas e graves, indagaram:

— O que podia ser, capitão?

Ele refletiu alguns segundos, e depois observou:

— O quê? Ora, é preciso organizar uma festa, caso o comandante o permita.

O major largou o cachimbo:

— Que festa, capitão?

O barão aproximou-se:

— Encarrego-me de tudo, comandante. Mandarei o ajudante de ordens a Rouen, e ele nos trará algumas damas. Sei onde encontrá-las. Uma ceia será preparada aqui. Aliás, nada falta, e passaremos uma noite divertida.

O conde de Farlsberg meneou os ombros com um sorriso:

— O senhor está louco, meu amigo.

Mas todos os oficiais se tinham levantado e rodeavam o superior, suplicando:

— Comandante, consinta, por favor. É tão triste a nossa vida aqui.

— Está bem — concordou finalmente o major.

Sem perder tempo, o barão mandou chamar o ajudante de ordens. Era um velho subtenente, a quem jamais ninguém vira rir-se, mas que cumpria fanaticamente todas as ordens de seus superiores, fossem quais fossem.

Perfilado, rosto impassível, recebeu as instruções do barão. Retirou-se em seguida, e cinco minutos mais tarde um grande carro militar, coberto com um toldo encerado estendido à maneira de cúpula, deslocava-se apressadamente sob a chuva torrencial, ao galope de quatro cavalos.

Imediatamente um frêmito perpassou pelos espíritos, despertando-os. Os corpos languidamente recostados se aproximaram, animaram-se os rostos e todos se puseram a conversar.

Embora o aguaceiro continuasse a cair com a mesma intensidade, o major afirmou que já estava menos escuro, e o tenente Otto anunciou, convicto, que o céu ia clarear. O próprio Mlle. Fifi parecia inquieto. Levantava-se, tornava a sentar-se. Seu olhar claro e duro procurava algo para quebrar. De repente, fitando a dama de bigodes, o lourinho puxou o revólver:

— Você não assistirá a nada disso — declarou ele.

Sem se levantar da cadeira, fez pontaria, e duas balas sucessivamente furaram os dois olhos do retrato. Exclamou depois:

— Agora vamos fazer a mina!

E as palestras interromperam-se, como se um novo e poderoso interesse a todos empolgasse. “Fazer mina” era a invenção de Mlle. Fifi, sua maneira de destruir, seu divertimento predileto.

Ao abandonar o castelo, o seu legítimo proprietário, conde Fernand d’Amoys d’Uville, não tivera tempo para transportar nem esconder coisa alguma, salvo a prataria oculta no oco de uma parede. Como era muito rico e munificente, o salão do castelo, cuja porta se abria para a sala de jantar, apresentava antes da fuga precipitada o aspecto de uma galeria de museu. Telas, desenhos e aquarelas de preço pendiam das paredes. Dispostos sobre os móveis e aparadores, e nas vitrines elegantes, mil bibelôs, porcelanas, estatuetas, figurinhas de Saxe e bonecos da China, marfins antigos e cristais de Veneza, enchendo o vasto aposento com a sua presença preciosa e rara.

Pouco restava de tudo aquilo. Não que os objetos houvessem sido

pilhados, pois tal coisa o major conde de Farlsberg não teria permitido. Porém, de quando em quando, Mlle. Fifi preparava uma mina, e então os oficiais realmente se divertiam durante quinze minutos.

O marquesinho foi ao salão buscar o material de que precisava. Trouxe um bule de chá de porcelana chinesa, família rósea, sobremaneira frágil, que encheu de pólvora. Introduziu no bico, com delicadeza, um longo pedaço de estopim, e apressou-se em levar essa máquina infernal ao compartimento vizinho. Acendeu-o e regressou rápido, depois de fechar a porta. Os alemães esperaram de pé, o rosto sorridente espelhando uma curiosidade infantil. Assim que a explosão estremeceu o castelo, precipitaram-se todos para o salão.

Mlle. Fifi, o primeiro a entrar, batia freneticamente as mãos diante de uma Vênus de terracota, cuja cabeça afinal saltara. Cada um deles apanhou cacos de porcelana, admirando os estranhos recortes dos estilhaços, verificando os estragos novos e atribuindo outros a uma explosão anterior. E o major considerava com ar paternal o vasto salão, violentamente abalado por aquela metralha à maneira de Nero e coalhado de fragmentos de objetos de arte. Foi o primeiro a sair, depois de observar com bonomia:

— Desta vez foi um sucesso.

Mas tamanho turbilhão de fumaça invadira a sala de jantar, misturando-se ao fumo dos cachimbos, que ninguém mais conseguia respirar. O comandante abriu a janela, e os oficiais, que haviam retornado para beber um último copo de conhaque, foram-se aproximando.

O ar úmido penetrou no aposento, trazendo consigo uma espécie

de poeira d'água e um cheiro de inundação. Puseram-se a contemplar as enormes árvores, vergadas pelo aguaceiro, o amplo vale obscurecido pela aglomeração de nuvens baixas e sombrias, e bem ao longe o campanário da igreja, alteando-se como uma flecha cinzenta no meio da chuva torrencial.

Desde que eles tinham chegado, os sinos da igreja haviam deixado de tocar. Era a única resistência com que os invasores tinham deparado nos arredores: a do campanário. O vigário absolutamente não se recusara a abrigar e alimentar soldados prussianos. Concordara até em beber uma garrafa de cerveja ou de bordeaux com o comandante inimigo, que muitas vezes o utilizava como intermediário voluntário. Porém, não lhe pedissem uma só badalada de seu sino! Mais depressa se deixaria fuzilar. Era a sua maneira de protestar contra a invasão: protesto pacífico, protesto de silêncio, o único, segundo dizia, adequado a um sacerdote, homem de doçura e não de sangue. E todos, numa circunferência de dez léguas, gabavam a firmeza, o hero simo do Pe. Chantavoine, que ousava afirmar o luto público e proclamá-lo através do obstinado mutismo da sua igreja.

A aldeia inteira, entusiasmada com essa resistência, mostrava-se disposta a apoiar até o fim o seu pastor, disposta a tudo afrontar, pois considerava esse protesto tácito como um desagravo   honra nacional. Os camponeses tinham a impressão de que a pátria lhes devia mais do que a Blefort e a Strasbourg; parecia-lhes ter dado um exemplo equivalente, e que haviam imortalizado o nome da aldeia. Com exceção disso, nada recusavam aos prussianos vencedores.

Tanto o comandante como os oficiais se riam dessa inofensiva

coragem. Como a região inteira se mostrava obediente e submissa para com eles, de boa vontade toleravam aquele silencioso patriotismo.

Apenas o pequeno marquês Wilhem teria gostado de forçar o sino a tocar. Irritava-o a condescendência política do seu superior em relação ao pároco, e todos os dias insistia com o comandante para que o deixasse fazer “ding-don-don” uma vez, uma única vez, somente para divertir-se um pouco. Fazia tal pedido com requebros felinos, meiguices femininas e as doçuras na voz que teria uma amante obcecada por um desejo. Mas o comandante não cedia, e para consolar-se Mlle. Fifi “fazia mina” no castelo de Uville.

Durante alguns momentos, os cinco homens permaneceram agrupados no mesmo lugar, aspirando a umidade. Enfim, soltando uma risada pastosa, o tenente Fritz assim se expressou:

— Aquelas senhorritas tecididamente não terrão uma tempo ponito para sua passeio.

Logo em seguida eles se separaram. Cada um retomou seu serviço, e o capitão ocupou-se com os múltiplos preparativos do jantar.

Ao cair da noite, quando novamente se encontraram, puseram-se a rir, vendo-se todos faceiros e reluzentes como nos dias de revista solene, os cabelos lustrosos, perfumados e limpos. Os cabelos do comandante se haviam tornado menos grisalhos do que pela manhã, e o capitão fizera a barba, só conservando o bigode ruivo, que lhe parecia uma chama sob o nariz.

Não obstante a chuva, deixaram a janela aberta, e de vez em quando um deles ia escutar. Às seis horas e dez minutos, o barão percebeu um rodar longínquo. Todos se alvoroçaram, e o enorme carro não tardou em aproximar-se, sem deter o galope dos quatro

cavalos esbaforidos, enlameados até às costas.

Cinco mulheres desceram no patamar, cinco bonitas raparigas escolhidas a dedo por um companheiro do capitão. Não se tinham feito rogar, certas de que seriam bem pagas. Conheciam os prussianos, que há três meses aguentavam, e sabiam tirar partido tanto dos homens como das coisas. “São exigências da profissão” — explicavam, a caminho, sem dúvida para acalmar o secreto prurido de uns restos de consciência.

Imediatamente entraram na sala de jantar. Iluminada, esta ainda parecia mais lúgubre, deixando perceber o lamentável estado a que fora reduzida. A mesa farta de carnes, com a rica baixela e a prataria encontrada na parede onde a escondera seu proprietário, conferia-lhe o aspecto de uma taverna, na qual bandidos fossem cear depois de uma pilhagem. Radiante, o capitão apossou-se das raparigas como de objetos familiares, aquilatando-as como dispensadoras de prazer. Como os três mais moços se apressavam em fazer sua escolha, opôs-se categoricamente, atribuindo-se a partilha, que seria feita dentro da maior equidade, tendo-se em conta as patentes, a fim de que a hierarquia fosse respeitada.

Assim sendo, no propósito de evitar qualquer discussão, qualquer contestação, qualquer suspeita de parcialidade, alinhou-as pela estatura, e dirigindo-se à mais alta, indagou com voz de comando:

— Seu nome?

— Pamela.

— Número um, a chamada Pamela, adjudicada ao comandante.

Em seguida, depois de beijar em sinal de posse a Blondine, a segunda, ofereceu ao comandante Otto a rechonchuda Amanda, Eva ao subtenente Fritz, e Raquel, a mais baixa de todas, ao mais

moço dos oficiais, o marquesinho Wilhem d'Eyrik. Raquel era morena muito jovem, de olhos negros como borrões de tinta, uma judia, cujo nariz adunco confirmava a regra que caracteriza sua raça,

Todas eram gordas e bonitas, sem fisionomias muito marcadas, como se as práticas quotidianas e a vida comum nos prostíbulos as tivessem tornado parecidas de rosto e de porte.

Os três jovens tencionavam subir com as suas damas, sob o pretexto de oferecer-lhes escovas e sabão para se lavarem. Prudentemente o capitão se opôs, declarando que estavam bastante limpas para sentarem-se à mesa, e argumentando que aqueles que subissem poderiam propor permutas, com isso perturbando os outros pares. Sua experiência deu-lhe ganho de causa.

Sentaram-se. O próprio comandante parecia encantado. Colocou Pamela à sua direita, Blondine à sua esquerda, e observou, ao desdobrar o guardanapo:

— O senhor teve uma ótima ideia, capitão.

Os tenentes Otto e Fritz, afetando polidez como se tratassem com senhoras da sociedade, intimidavam um pouco as suas vizinhas. Mas o barão de Kelweigstein, entregue ao seu prazer predileto, soltava palavras picantes, galanteava em francês do Reno, e seus cumprimentos de taverna, expectorados pela abertura dos dois dentes partidos, chegavam às raparigas de envolto a uma metralha de saliva.

De resto, elas não compreendiam coisa alguma, e sua inteligência só pareceu despertar quando ele começou a cuspir-lhes palavras obscenas, expressões cruas, que o seu sotaque estropiava. Então, todas ao mesmo tempo puseram-se a rir como loucas, repetindo as

palavras que o barão se comprazia em deformar, a fim de obrigá-las a proferir obscenidades. Vomitavam tais obscenidades sem hesitar, bêbedas desde as primeiras garrafas de vinho. Tendo assim voltado a ser elas mesmas, e aberto a porta aos hábitos, bebiam em todos os copos, cantavam coplas francesas e trechos de canções alemãs aprendidas nos seus contatos quotidianos com o inimigo.

Bem depressa os homens, também embriagados, puseram-se a berrar e a quebrar a baixela, enquanto às suas costas, impassíveis, os soldados os serviam.

O comandante era o único a guardar a compostura.

Tinham chegado à sobremesa. O champanhe estava sendo servido. O comandante levantou-se, e no mesmo tom que empregaria para erguer um brinde à imperatriz Augusta, saudou:

— Às nossas damas!

Foi o início de uma série de toasts, de galanterias de soldados bêbedos misturadas a gracejos obscenos, que a ignorância do idioma tornava ainda mais brutais. Um por um eles se levantaram, tentando mostrar-se espirituosos, esforçando-se por parecer engraçados. E as mulheres embriagadas, olhos vagos, lábios pastosos, aplaudiam freneticamente.

Na provável intenção de acrescentar um toque galante à orgia, mais uma vez o capitão ergueu o copo e proferiu:

— Às nossas vitórias sobre os corações!

Então o tenente Otto, espécie de urso da Floresta Negra, retesou-se, inflamado, saturado de bebidas. Subitamente possuído de patriotismo alcoólico, gritou:

— Às nossas vitórias sobre a França!

Por mais bêbedas que estivessem, as mulheres calaram-se. Raquel,

trêmula, retrucou:

— Fique sabendo: conheço franceses diante dos quais você não falaria assim.

O marquesinho pôs-se a rir, pois o vinho o deixara muito alegre:

— Ah! ah! ah! Nunca vi esses franceses. Mal aparecemos, eles somem!

— Você está mentindo, seu sujo! — gritou-lhe ao rosto a rapariga, exasperada.

Durante um segundo ele fixou nela os olhos claros, tal como os fixava nas telas quando as furava a tiros de revólver, e depois soltou uma risada.

— Ah! Quanto a isso, beleza, acaso estaríamos aqui se eles fossem valentes? Somos donos dos franceses! A França é nossa! — Levantou-se, estendeu o copo até ao centro da mesa, e repetiu: — A França é nossa, assim como os franceses, os bosques, os campos e as casas da França!

Completamente bêbedos, subitamente dominados por um entusiasmo militar, um entusiasmo de brutos, os outros também empunharam os copos, vociferando:

— Viva a Prússia! — e esvaziaram os copos de um só trago.

As raparigas não protestavam, emudecidas e presas do medo. A própria Raquel calava-se, impotente para responder. Foi então que o marquesinho colocou sobre a cabeça da judia a taça de champanha que tornara a encher, e gritou:

— A nós também todas as mulheres da França!

Raquel se pôs de pé rapidamente, derramando sobre seus cabelos o cálice de champanhe, que em seguida caiu ao chão, espatifando-se. Com os lábios trêmulos, afrontava com o olhar o oficial, que

continuava a rir-se. E balbuciou, com voz sufocada pela cólera:

— Isso... isso não é verdade! Absolutamente vocês não terão as mulheres da França!

Ele se sentou, para rir-se mais à vontade, e procurando imitar o sotaque parisiense:

— Essa é pem poa, pem poa, enton que veiu fazer aqui, pequena?

Interdita, ela se calou, tão perturbada que não podia compreender bem o que ele dizia. Depois, assim que alcançou o sentido daquelas palavras, retorquiu, indignada e veemente:

— Eu... eu... não sou mulher, sou prostituta. É o que serve para vocês, prussianos.

Nem bem terminara, e ele já a esbofeteara com força. Ao vê-lo erguer a mão outra vez, enlouquecida pela raiva, Raquel apanhou na mesa uma faca, e bruscamente cravou-a no pescoço do marquesinho, bem no côncavo onde começa o peito. A palavra que articulava foi cortada na garganta, e ele se quedou de boca escancarada, com olhar terrível.

Um bramido ergueu-se, e todos se levantaram em tumulto. Porém, depois de atirar sua cadeira às pernas do tenente Otto, que se estatelou no chão, Raquel correu à janela, abriu-a antes que conseguissem alcançá-la, e desapareceu na noite, sob a chuva que continuava a cair.

Dois minutos depois, Mlle. Fifi morria. Então Fritz e Otto desembainharam as espadas e quiseram trucidar as outras mulheres. Não sem dificuldade, o major impediu o morticínio e mandou fechá-las num quarto, sob a guarda de dois soldados.

Tal como se dispusesse militares para um combate, o major organizou a perseguição à fugitiva, plenamente convencido de que

seria capturada. Cinquenta homens, fustigados por ameaças, foram lançados ao parque. Duzentos outros esquadrinharam os bosques e as casas do vale.

A mesa, instantaneamente desocupada, servia agora de leito mortuário. Os quatro oficiais, dissipada a embriaguez, rígidos e perfilados junto às janelas, com a fisionomia de guerreiros em serviço, sondavam a noite.

A chuva torrencial continuava. Um marulhar contínuo enchia as trevas, murmúrio ondeante de água que cai e de água que escorre, de água que goteja e de água que esguicha.

De repente ressoou um tiro, depois outro, muito ao longe. Durante algumas horas, de quando em quando repercutiram detonações próximas ou distantes, assim como gritos para reunir e palavras estranhas, lançadas como apelos por vozes guturais. Pela manhã todos regressaram. Dois soldados haviam sido mortos e três outros feridos por companheiros, durante a caçada, na confusão daquela perseguição noturna.

Raquel não fora encontrada.

Em consequência, os habitantes do lugar foram submetidos a um regime de terror, as casas revistadas, toda a região percorrida, explorada, revolvida. A judia parecia não haver deixado um único vestígio da sua passagem.

Informado, o general ordenou que se abafasse o caso, para não dar maus exemplos ao exército, e infligiu uma pena disciplinar ao comandante, que por sua vez puniu seus inferiores. O general dissera:

— Ninguém faz guerra para se divertir e meter-se com mulheres da vida.

E o conde de Farlsberg, exasperado, resolveu vingar-se sobre a região. Como necessitasse de um pretexto para exercer livremente as suas represálias, mandou chamar o vigário e deu-lhe ordem para tocar o sino por ocasião do sepultamento do marquês d'Eyrík. Contra a sua expectativa, o sacerdote mostrou-se dócil, humilde, cheio de deferência.

Quando o corpo de Mlle. Fifi, carregado por soldados, precedido, cercado e acompanhado por soldados que marchavam de armas embaladas, deixou o castelo de Uville a caminho do cemitério, pela primeira vez o sino dobrou a finados, mas com um ritmo vivo, como se mão amiga o acariciasse.

Ressou também à noite, no dia seguinte, e todos os dias daí em diante. Repicou todas as vezes que desejaram. Mesmo durante a noite, acontecia-lhe agitar-se sozinho, de manso, e lançar à sombra duas ou três sonoridades, tomado de estranhas alegrias, despertado não se sabia por quê. Os camponeses do lugar deram-no como enfeitiçado, e ninguém, salvo o vigário e o sacristão, se aproximava do campanário.

É que uma pobre rapariga vivia lá no alto, na angústia e na solidão, alimentada às escondidas por aqueles dois homens.

No alto permaneceu até a retirada das tropas alemãs. Certa noite, tendo pedido emprestado a carroça do padeiro, o próprio vigário conduziu sua prisioneira às portas de Rouen. Algum tempo depois um patriota a desposou, entusiasmado pela bela ação que praticara.



GAETANINHO

Antônio Alcântara Machado

Antônio Castilho de Alcântara Machado d'Oliveira (São Paulo, 25 de maio de 1901 – Rio de Janeiro, 14 de abril de 1955), mais conhecido como Antônio de Alcântara Machado, foi um escritor modernista brasileiro. Segundo o professor e crítico literário João Ribeiro, "um dos maiores nomes da literatura contemporânea, na feição modernista que a caracteriza. Não é um exagero dizer que é um mestre sem embargo da sua florida juventude. É realmente um mestre na sua arte de observar e dizer. [...] O seu método experimental a que não escapa o menor traço psicológico é realmente fora do comum." [1] Segundo Francisco de Assis Barbosa, "Antônio de Alcântara Machado foi um escritor paulistano, da cidade de São Paulo, assim como Manuel Antônio de Almeida o foi do Rio de Janeiro.

Xi, Gaetaninho, como é bom!

Gaetaninho ficou banzando bem no meio da rua. O Ford quase o derrubou e ele não viu o Ford.

O carroceiro disse um palavrão e ele não ouviu o palavrão.

- Eh! Gaetaninho! Vem prá dentro.

Grito materno sim: até filho surdo escuta. Virou o rosto tão feio de sardento, viu a mãe e viu o chinelo.

- Súbito!

Foi-se chegando devagarinho, devagarinho. Fazendo beicinho. Estudando o terreno. Diante da mãe e do chinelo parou. Balançou o corpo. Recurso de campeão de futebol. Fingiu tomar a direita. Mas deu meia volta instantânea e varou pela esquerda porta adentro.

Êta salame de mestre!

Ali na Rua Oriente a ralé quando muito andava de bonde. De automóvel ou carro só mesmo em dia de enterro. De enterro ou de casamento. Por isso mesmo o sonho de Gaetaninho era de realização muito difícil. Um sonho.

O Beppino por exemplo. O Beppino naquela tarde atravessara de carro a cidade. Mas como? Atrás da tia Peronetta que se mudava para o Araçá. Assim também não era vantagem.

Mas se era o único meio? Paciência.

Gaetaninho enfiou a cabeça embaixo do travesseiro.

Que beleza, rapaz! Na frente quatro cavalos pretos empenachados levavam a tia Filomena para o cemitério. Depois o padre. Depois o Savério noivo dela de lenço nos olhos. Depois ele. Na boleia do carro. Ao lado do cocheiro. Com a roupa marinheira e o gorro branco onde se lia: ENCOURAÇADO SÃO PAULO. Não. Ficava mais bonito de roupa marinheira mas com a palhetinha nova que o irmão lhe trouxera da fábrica. E ligas pretas segurando as meias. Que beleza rapaz! Dentro do carro o pai os dois irmãos mais velhos (um de gravata vermelha outro de gravata verde) e o padrinho Seu Salomone. Muita gente nas calçadas, nas portas e nas janelas dos palacetes, vendo o enterro. Sobretudo admirando o Caetaninho.

Mas Gaetaninho ainda não estava satisfeito. Queria ir carregando o chicote. O desgraçado do cocheiro não queria deixar. Nem por um instantinho só.

Gaetaninho ia berrar mas a tia Filomena com a mania de cantar o "Ahi, Mari!" todas as manhãs o acordou.

Primeiro ficou desapontado. Depois quase chorou de ódio.

Tia Filomena teve um ataque de nervos quando soube do sonho de Gaetaninho. Tão forte que ele sentiu remorsos. E para sossego da família alarmada com o agouro tratou logo de substituir a tia por outra pessoa numa nova versão de seu sonho. Matutou, matutou, e escolheu o acendedor da Companhia de Gás, Seu Rubino, que uma vez lhe deu um croque danado de doído.

Os irmãos (esses) quando souberam da história resolveram arriscar de sociedade quinhentão no elefante. Deu a vaca. E eles ficaram loucos de raiva por não haverem logo adivinhado que não podia deixar de dar a vaca mesmo.

O jogo na calçada parecia de vida ou morte. Muito embora Gaetaninho não estava ligando.

- Você conhecia o pai do Afonso, Beppino?

- Meu pai deu uma vez na cara dele.

- Então você não vai amanhã no enterro. Eu vou!

O Vicente protestou indignado:

- Assim não jogo mais! O Gaetaninho está atrapalhando!

Gaetaninho voltou para o seu posto de guardião. Tão cheio de responsabilidades.

O Nino veio correndo com a bolinha de meia. Chegou bem perto. Com o tronco arqueado, as pernas dobradas, os braços estendidos, as mãos abertas, Gaetaninho ficou pronto para a defesa.

- Passa pro Beppino!

Beppino deu dois passos e meteu o pé na bola. Com todo o muque. Ela cobriu o guardião sardento e foi parar no meio da rua.

- Vá dar tiro no inferno!

- Cala a boca, palestrino!

- Traga a bola!

Gaetaninho saiu correndo. Antes de alcançar a bola um bonde o pegou. Pegou e matou.

No bonde vinha o pai do Gaetaninho.

A gurizada assustada espalhou a notícia na noite.

- Sabe o Gaetaninho?

- Que é que tem?

- Amassou o bonde!

A vizinhança limpou com benzina suas roupas domingueiras.

Às dezesseis horas do dia seguinte saiu um enterro da Rua do Oriente e Gaetaninho não ia na boleia de nenhum dos carros do acompanhamento. Ia no da frente dentro de um caixão fechado com flores pobres por cima. Vestia a roupa marinheira, tinha as ligas, mas não levava a palhetinha.

Quem na boleia de um dos carros do cortejo mirim exibia soberbo terno vermelho que feria a vista da gente era o Beppino.



O BOI VELHO

Simões Lopes Neto

Escritor brasileiro (9 de março de 1865, Pelotas - 14 de junho de 1916, Pelotas). João Simões Lopes Neto passou a infância nas estâncias de propriedade dos avós, no interior do Rio Grande do Sul. Aos 15 anos partiu para o Rio de Janeiro, onde estudaria no Colégio Abílio e, a seguir, na Faculdade de Medicina. Por motivos de saúde, contudo, abandonou os estudos e retornou ao Sul, para residir em sua cidade natal, onde trabalhou como professor, tabelião, funcionário público, comerciante e industrial. Principal figura do regionalismo rio-grandense, deixou pequena obra de ficção: dezoito contos (in Contos gauchescos, 1912) e algumas lendas (in: Lendas do Sul, 1915).

Cuê-pucha!... É bicho mau, o homem!
Conte vancê as maldades que nós fazemos e diga se não é mesmo!... Olhe, nunca me esqueço dum caso que vi e que me ficou cá na lembrança, e ficará té eu morrer... como unheiro em lombo de matungo de mulher.

Foi na estância dos Lagoões, duma gente Silva, uns Silvas mui políticos, sempre metidos em eleições e enredos de qualificações de votantes.

A estância era como aqui e o arroio como a umas dez quadras; lá era o banho da família. Fazia uma ponta, tinha um sarandizal e logo era uma volta forte, como uma meia-lua, onde as areias se amontoavam formando um baixo: o perau era do lado de lá. O mato aí parecia plantado de propósito: era quase que pura guabiroba e pitanga, araçá e guabiju; no tempo, o chão coalhava-se de fruta: era um regalo!

Já vê... o banheiro não era longe, podia-se bem ir lá de a pé, mas a família ia sempre de carretão, puxado a bois, uma junta, mui mansos, governados de regeira por uma das senhoras-donas e tocados com uma rama por qualquer das crianças.

Eram dois pais da paciência, os dois bois. Um se chamava Dourado, era baio; o outro, Cabiúna, era preto, com a orelha do lado de laçar, branca, e uma risca na papada.

Estavam tão mestres naquele piquete, que, quando a família, de manhãzita, depois da jacuba de leite, pegava a aprontar-se, que a criança pulava para o terreiro ainda mastigando um naco de pão e as crioulas apareciam com as toalhas e por fim as senhoras-donas, quando se gritava pelo carretão, já os bois, havia muito tempo que estavam encostados no cabeçalho, remoendo muito sossegados, esperando que qualquer peão os ajoujasse.

Assim correram os anos, sempre nesse mesmo serviço.

Quando entrava o inverno eles eram soltos para o campo, e ganhavam num rincão mui abrigado, que havia por detrás das casas. Às vezes, um que outro dia de sol mais quente, eles apareciam ali por perto, como indagando se havia calor bastante para a gente banhar-se. E mal que os miúdos davam com eles, saíam a correr e a gritar, numa algazarra de festa para os bichos.

— Olha o Dourado! Olha o Cabiúna! Oôch!... Oôch!...

E algum daqueles traquinas sempre desencovava uma espiga de milho, um pedaço de abóbora, que os bois tomavam, arreganhando a beizola lustrosa de baba, e punham-se a mascar, mui pachorrentos, ali à vista da gurizada risonha.

Pois veja vancê... Com o andar do tempo aquelas crianças se tornaram moças e homens feitos, foram-se casando e tendo família, e como quera, pode-se dizer que houve sempre senhoras-donas e gente miúda para os bois velhos levarem ao banho do arroio, no carretão.

Um dia, no fim do verão, o Dourado amanheceu morto, mui inchado e duro: tinha sido picado de cobra.

Ficou pois solito, o Cabiúna; como era mui companheiro do outro, ali por perto dele andou uns dias pastando, deitando-se, remoendo. Às vezes esticava a cabeça para o morto e soltava um mugido... Cá pra mim o boi velho — uê! tinha caraca grossa nas aspas! — o boi velho berrava de saudades do companheiro e chamava-o, como no outro tempo, para pastarem juntos, para beberem juntos, para juntos puxarem o carretão...

— Que vancê pensa!... os animais se entendem... eles trocam língua!...

Quando o Cabiúna se chegava mui perto do outro e farejava o cheiro mim, os urubus abriam-se, num trotão, lambuzados de sangue podre, às vezes meio engasgados, vomitando pedaços de carniça...

Bichos malditos, estes encarvoados!...

Pois, como ficou solito o Cabiúna, tiveram que ver outra junta para o carretão e o boi velho por ali foi ficando. Porém começou a emagrecer... e tal e qual como uma pessoa penarosa, que gosta de estar sozinha, assim o carreteiro ganhou o mato, quem sabe, de penaroso. também...

Um dia de sol quente ele apareceu no terreiro.

Foi um alvoroço da miuçalha.

— Olha o Cabiúna! O Cabiúna! Oôch! Cabiúna! Oôch!...

E vieram à porta as senhoras-donas, já casadas e mães de filhos, e que quando eram crianças tantas vezes foram levadas pelo Cabiúna; vieram os moços, já homens, e todos disseram:

— Olha o Cabiúna! Oôch! Oôch!...

Então, um notou a magreza do boi; outro achou que sim; outro disse que ele não agüentava o primeiro minuano de maio; e conversa vai, conversa vem, o primeiro, que era mui golpeado, achou que era melhor matar-se aquele boi, que tinha caraca grossa nas aspas, que não engordava mais e que iria morrer atolado no fundo dalguma sanga e... lá se ia então um prejuízo certo, no couro perdido...

E já gritaram a um peão, que trouxesse o laço; e veio. A mão no mais o sujeito passou uma volta de meia-cara; o boi cabresteou, como um cachorro...

Pertinho estava o carretão, antigão, já meio desconjuntado, com o cabeçalho no ar, descansando sobre o muchacho.

O peão puxou da faca e dum golpe enterrou-a até o cabo, no sangradouro do boi manso; quando retirou a mão, já veio nela a golfada espumante do sangue do coração...

Houve um silenciosito em toda aquela gente.

O boi velho sentindo-se ferido, doendo o talho, quem sabe se entendeu que aquilo seria um castigo, algum pregação de picana,

maldado, por não estar ainda arrumado... — pois vancê creia! —: soprando o sangue em borbotões, já meio roncando na respiração, meio cambaleando o boi velho deu uns passos mais, encostou o corpo ao comprido no cabeçalho do carretão, e meteu a cabeça, certinho, no lugar da canga, entre os dois canzis... e ficou arrumado, esperando que o peão fechasse a brocha e lhe passasse a regeira na orelha branca...

E ajoelhou... e caiu... e morreu...

Os cuscos pegaram a lambar o sangue, por cima dos capins... um alçou a perna e verteu em cima... e enquanto o peão chairava a faca para carnear, um gurizinho, gordote, claro, de cabelos cacheados, que estava comendo uma munhata, chegou-se para o boi morto e meteu-lhe a fatia na boca, batia-lhe na aspa e dizia-lhe na sua língua de trapos:

— Tome, tabiúna! Nó té... Nô fá bila, tabiúna!...

E ria-se o inocente, para os grandes, que estavam por ali, calados, os diabos, cá pra mim, com remorsos por aquela judiaria com o boi velho, que os havia carregado a todos, tantas vezes, para a alegria do banho e das guabirobas, dos araçás, das pitangas, dos guabijus!...

— Veja vancê, que desgraçados; tão ricos... e por um mixe couro do boi velho!...

— Cuê-pucha!...É mesmo bicho mau, o homem!



NATALIDADE

Paulo Condini

Nascido em Passo Fundo, RS, em 26 de outubro de 1938, é escritor e professor de Língua e Literatura Portuguesa. Colaborador do Leia Brasil. Ex-Assessor do Secretário de Cultura do Estado de São Paulo para a área de Literatura (1995), foi Presidente da Comissão de Literatura; representante da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo na Câmara Setorial do Livro; do Conselho de Desenvolvimento Cultural e coordenador geral da Casa Mário de Andrade Oficina da Palavra, no período 1995-1999, com mais de 40 anos de atividades profissionais, foi colunista de artes plásticas em cadernos de cultura de jornais e revistas de Porto Alegre; secretário do Museu de Arte do Rio Grande do Sul; redator e repórter da Folha de São Paulo, do Diário Popular/SP e da Hora do Povo, em São Paulo. Suas principais obras são Os filhos do Rio, prêmio APCA (1994) e Séria Degraus, Prêmio Altamente Recomendada para Crianças pela FNLIJ Rio de Janeiro.

Começo a me arrumar para sair e, pelo espelho, vejo uma réstia de luz mortíça riscar a laje de concreto do elevado, escurecida pela poluição, sobre a qual os últimos carros rodam, antes do relógio marcar as vinte e três horas. Imagino que só possa ser da lamparina da menina.

Faz muito tempo que eu a vejo por aqui. No início ela era apenas uma criança. Cinco ou seis anos... Nunca se sabe.

Jamais vou esquecer, entretanto, da primeira vez que a vi.

Era um fim de tarde frio e garoento, como só sabem ser as tardes úmidas de inverno, e a visão daqueles pezinhos descalços, pisando o asfalto molhado, gelou meu coração.

Depois desse dia, nunca mais deixei de observá-la.

Acompanhei o seu crescer na rua, o seu fazer-se menina, até descobrir — numa noite de junho, junto à fogueira de São João erguida num terreno baldio próximo ao elevado — que ela estava grávida.

A brutal contradição entre aquele rosto redondo de criança e seu ventre perceptivelmente dilatado, somada ao pensamento de que brevemente mais uma menina estaria vagando neste mesmo espaço — lembro-me bem — deram-me a certeza de que não queria ser testemunha de mais um ciclo desta saga que, me parece, não tem outra possibilidade de desenlace.

E, desde então, da janela do meu acanhado apartamento, venho observando-a com mais cuidado. Acompanhando o impessoal acontecer da natureza. Principalmente desde o último fim de semana, quando a encontrei parada à porta do edifício e me assustei com o tamanho da barriga, perguntando-me se a sua hora não estaria próxima.

Talvez por isso a bruxuleante luminosidade na laje tenha me feito, de imediato, pensar nela. Não a vi muito esta semana. É claro que parei bem pouco em casa. Os preparativos para a festa desta noite, o último Natal do milênio, na casa de um amigo, tomaram quase todo o meu tempo.

Pude, no entanto, comprar seu presente de Natal: algumas roupas para o que vai nascer, e para ela. Amanhã, tão logo me levante, vou entregá-las pessoalmente.

Olho-me no espelho.

Aprovo o resultado.

Passo na cozinha e apanho um saco com frutas secas.

Apago a luz.

Saio para o corredor.

Um grito de dor me recebe na calçada e, sem importar-me com o movimento dos carros, atravesso a rua em direção ao minúsculo barraco de madeira e papelão onde ela vive, preocupado com o crescendo dos seus brados.

Duas mulheres espiam, abraçadas, pela abertura que faz as vezes de porta, impedindo-me de ver o que se passa lá dentro.

Os lamentos da menina cessam.

Um choro de recém-nascido ecoa forte.

Passos apressados se aproximam.

São dois homens, envoltos numa névoa de luz branca.

Identifico os vizinhos que conheço apenas por vê-los entrar e sair do edifício do outro lado do elevado.

O mais alto deles, com a cor dos seus antepassados africanos, traz nas mãos uma enorme lanterna de luz forte que espanta as sombras. O outro, jeito de índio, carrega uma felpuda toalha de banho de cor branca.

Param junto a mim com olhos cheios de perguntas.

Os três estávamos preocupados com a menina, concordamos sussurrando, e a luz da lamparina foi o sinal de alerta.

As duas mulheres se afastam com a nossa chegada.

O homem alto entra na frente, iluminando o miserável cubículo, onde, ao fundo, deitada entre trapos, a menina, com os olhos brilhantes, examina o seu bebê.

Nós também entramos, cuidadosos.

Ela, então, levanta o olhar em nossa direção e murmura entre sorrisos:

— É uma menina!

Em comovido silêncio, nos ajoelhamos junto ao seu catre iluminado e, sem saber por que, depositamos aos seus pés tudo o que tínhamos: a lanterna, a toalha e as frutas secas.

Perto do elevador, a primeira igreja começou a tocar os sinos de Natal, logo seguida pelos da cidade inteira...



O LÁBIO LEPORINO DO MENINO JESUS

Cassia Janeiro

Escritora e educadora brasileira. Entre outros prêmios, foi a primeira sul-americana a ganhar o Prêmio Mundial de Poesia Nôsside, chancelado pela Unesco.[1] Foi professora universitária em diversas instituições de Ensino Superior; consultora da Unesco, onde participou da missão brasileira no Timor Leste, e dos programas Alfabetização e Capacitação Solidária.

Viajou por todo o País elaborando, executando e avaliando projetos e programas socioeducativos. Tem trabalhos publicados no Brasil, na França, na Itália e na Holanda. Faz parte do corpo diretivo da União Brasileira dos Escritores (UBE), membro da Academia Metropolitana de Artes, Ciências e Letras (AMLAC) e da Associação Internacional de Escritores e Artistas. Em 2015 tornou-se embaixadora do Prêmio Mundial Nôsside de Poesia no Brasil. É membro da Academia Metropolitana de Letras, Artes e Ciências; e secretária-geral da União Brasileira dos Escritores.

Quase meia-noite, véspera de Natal. Maria espera para ser atendida. Hospital lotado. Ele, o marido, é um vulto que Maria enxerga de um lado e de outro, correndo de lá pra cá. Ela senta no chão, não aguenta andar mais um passo. Ensopada da chuva, das lágrimas, que parecem duas pequenas cachoeiras brotando dos olhos, do catarro amarelado que sai pelo nariz e do líquido espesso que escorre pelas pernas e molha os chinelos, misturado ao barro, cuja marca vai até os joelhos, Maria espera.

O corre-corre, o abafamento, o marido gritando, primeiro com a recepcionista, depois com a enfermeira e, por fim, com a médica, tudo martela a cabeça de Maria, que, zonza, tenta se conter, como

se, calada, pudesse controlar a dor e o tempo de o filho nascer. Maria espera.

Alguém a coloca numa cadeira de rodas, que logo fica melada das águas, catarros e outras melecas que saem dela. Maria espera.

— A senhora está contando o tempo das contrações, mãe?

Antes que ela responda, a enfermeira sai correndo para acudir um homem ensanguentado que acaba de chegar de maca. Maria espera.

O marido coloca as mãos sobre a cabeça da esposa, que lateja, lateja, lateja. Como se o toque fosse capaz de acionar a voz, Maria grita e seu grito carrega todas as dores, as do parto e as da vida. Ainda assim, aos gritos, Maria espera.

Maria espera há dez anos que o filho venha. Agora, depois de tratamentos, rezas e promessas, está prestes a receber o pequenino, cuja cabecinha já sente entre as pernas. Ela olha para o relógio de parede, que parece derreter qual tela de Salvador Dalí, a quem ela não conhece, sobre quem nunca ouviu falar. As imagens se esvaem e, quando acorda, tem o marido à sua frente sorrindo aquele riso que ela bem conhece, como um rasgo que corta o rosto negro de ponta a ponta.

— Tá tudo bem com o nosso menino.

Maria olha para José, sorri e volta a dormir, exausta.

— Como estamos hoje, mãe?

A enfermeira ancha entra carregando o embrulhinho. Era como se ele sempre estivesse naqueles braços, uma escultura viva que balançava de um lado para o outro.

— Olha que coisinha mais linda esse bebê! Já tem nome? — Ela pergunta antes de ouvir se a mãe está bem.

— Ô, meus amores!

É José entrando com um buquê de flores do campo, as preferidas de Maria, que se ajeita na cama e procura arrumar o cabelo.

— Deixa comigo — ele diz, tirando o bebê do colo da enfermeira.

Ao desenrolar a criança, tenta disfarçar a surpresa, o susto e o arrepio que percorre o corpo. Maria se dá conta de que há algo errado.

— O que foi, amor?

— Nada, nada. Acho que ele se machucou pra nascer. Ô, menino sapeca!

José ri, mas Maria o conhece. Está nervoso.

— Deixa eu ver o menino — diz Maria.

A enfermeira é objetiva e afetuosa:

— Pai, mãe, calma. O médico vem falar com vocês, mas o menino tem lábio leporino.

— Lábio o quê? — Perguntam os dois juntos.

— Leporino. Acontece. O bebê nasce com uma divisão no lábio superior e, no caso do filhinho de vocês, vem até o nariz. Não fiquem tristes. Se Deus mandou para vocês, é porque vão criar

com todo o amor e carinho. E Deus ajuda, vai ajudar, mãe. Já tem nome, o bacuri?

A enfermeira, também Maria, emenda uma conversa na outra, querendo tirar o foco da boca do menino. Conta histórias de crianças nascidas no mesmo dia, fala sobre horóscopo, da alegria de nascer no dia de Natal. Enquanto ouve o tagarelar da enfermeira, Maria vasculha o filho inteiro e olha desolada para o lábio do menino. José mexe nos cabelinhos do pequeno, tentando desviar os olhos da fenda que corta o lábio e chega ao nariz.

— Tem cura isso, moça?

— O médico vem falar com vocês mais tarde, pai. Tem jeito, sim, com cirurgia, mas, olha, mãe, olha, pai, o menino é perfeito, quase perfeito. Deus não dá a carga maior que os ombros, né? Não é o que dizem? Além disso é uma bênção. Imagina nascer no dia de Natal! É uma bênção de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Eles ficam em silêncio, olhando desolados para a boca do neném. Como ninguém conseguisse falar, a enfermeira irrompe de novo.

— Então, essa coisinha linda já tem nome?

Como que arrancados de um lugar sinistro, eles se olham. É José quem fala:

— Ele ia chamar Ezequiel, que é o nome do pai dela. Só que, pensando aqui, amor — diz virando-se para Maria —, ele nasceu pouco depois da meia-noite no dia de Natal. Você se chama Maria e eu, José... Acho que Jesus é um nome que pega bem, né, amor? O que você acha?

A enfermeira não espera que Maria respire:

— Acho lindo, lindo. Imagina, a família perfeita, uma família abençoada! — Diz emocionada, com lágrimas nos olhos.

Maria sorri desajeitada, ainda tentando absorver a imagem daquela fissura a quebrar a boca do filho, qual um retrato com o vidro espatifado.

— É, Jesus está bom. Quem sabe o Jesus verdadeiro olha para o nosso Jesus e faz um milagre.

O pai de Maria perdeu a homenagem, mas eles ficaram esperançosos com o nome sagrado. Ezequiel era um mecânico trabalhador, morto na porta de casa há alguns anos num conflito entre polícia e traficantes. Bala perdida, vinda de um lado ou de outro, não importa, sempre acha o caminho de gente pobre e preta. Ezequiel morreu na hora. Pá! Tiro na cabeça.

O nascimento antecipado, aos oito meses, no dia de Natal, e a fé em um milagre mudaram a intenção de condecorar o morto. Jesus seria um bom nome. Deus, quem sabe, pudesse se compadecer e arrumasse a boca da criança.

Aos três anos Jesus foi para a creche. Maria e José se acostumaram à fenda. Deus mandou. Eles entendiam o que Jesus falava, mas a professora reclamava, os amiguinhos riam. “Ele atrasa os outros”, disse a diretora. Maria bateu pé: “Não tiro o menino da escola. Aprendam a lidar com ele”. Maria era a mãe leoa, muito mais firme do que José, sempre condescendente. Que ninguém bulisse com o filho. Fosse quem fosse, Maria elevava a voz e podia

facilmente chegar às vias de fato. Jesus seguiu na creche e nunca mais se ouviu reclamação depois que a mãe praticamente enfiou o dedo na cara da diretora, prometendo imprensa e polícia.

Aos quatro anos veio a boa notícia: Jesus conseguiu a cirurgia pelo SUS, dali a três meses. Dia de festa! Com a chegada do Natal, seria dupla comemoração: além da cirurgia marcada, Jesus faria cinco. Haveria foto lembrando um presépio: menino Jesus, esperado por tantos anos, José, Maria e o cachorro bom e feio, de nome Belo.

O bolo tinha a promessa de um Jesus curado em breve, sem a fenda, na imagem mal desenhada da decoração. A comunidade compareceu; até os amiguinhos que mangavam de Jesus foram. Apareceu a professora. Apareceu a diretora. Apareceram três avós. Apareceu Ezequiel na lembrança da família: “Ele está espiando tudo do céu”, disse Maria comovida. Apareceram músicos não se sabe de onde. Apareceram os cachorros e os gatos da vizinhança. Apareceu um riso farto na cara do menino Jesus. Apareceu a polícia. Apareceram traficantes.

Era ainda tardezinha quando a polícia subiu o morro. A casa parou. A festa era boa. A festa acabou. As ruas pararam. Silêncio. Gritaria. Silêncio. Gritaria. Tiros. Gritaria. À beira da porta, o menino Jesus ainda ria quando a fenda foi aumentada, do lábio à cabeça. Pá!

Maria espera o filho Jesus do lado de fora. Não haverá cirurgia. Não haverá lábio leporino. Não haverá aniversários. O pequeno caixão sairá. Maria espera.



ESTÓRIAS CODIFICADAS

Rosani Abou Adal

Escritora, poeta, jornalista e editora do jornal literário Linguagem Viva. Membro da Academia de Letras de Campos do Jordão. Vice-presidente de Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo. Tem poemas traduzidos para o francês, inglês, espanhol, grego, húngaro e italiano. Autora dos livros de poemas Manchetes em Versos, Catedral do Silêncio, De Corpo e Verde e Mensagens do Momento. Laureada com o Prêmio Mulheres no Mercado da Secretaria Municipal de Cultura, Prêmio “Ribeiro Couto” da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro com o livro Catedral do Silêncio, entre outras lãureas. Um dos seis poetas homenageados da 55ª Psiu Cinema, realizado de 4 a 12 de outubro de 2019, em Montes Claros (MG). Poeta representante do estado de São Paulo no 15º Festival de Poesias de Dois Córregos, promovido pelo Instituto Usina de Sonhos. Participou da 2ª Mostra Itinerante da 5ª. Expo-Colóquio “Pré-textos do Solstício” Argentina, edição de 2023, no âmbito do 6º Encuentro Internacional de Escritores y Poetas “Humahuaca en Letras”, organizada pelo Grupo Cultural “Norberto Simón Oltra” e SURI Colectivo Cultural.

A vida inteira debruçada na janela. Seus sonhos e sua realidade estavam nas ruas, nas calçadas, nos movimentos e nas pausas das pessoas.

Observava todos que por ali passavam: gestos, sinais, falas, brigas, reencontros e tudo que fosse relacionado à vida alheia. Em poucos instantes, de boca em boca, os fatos eram notícias na vizinhança e no bairro.

Décadas se passaram, ela continuava na janela como se a vida e os anos estivessem parados no tempo. A rotina era a mesma. Ganhou o apelido de “notícias populares”. Muitas pessoas não passavam em

frente a sua casa, nem na sua rua com medo de caírem na boca do povo.

Sessenta anos se passaram, ela ficou com diabetes e em poucos meses ficou cega.

Debruçada na janela, ouvia tudo o que não via, decodificava os fragmentos do silêncio e sentia tudo o que não podia ver. Em poucos segundos, as estórias que codificava estavam em todos os ouvidos.



A AMANTE IDEAL

João do Rio

Pseudônimo de Paulo Barreto, (1881-1921), foi jornalista, escritor e dramaturgo brasileiro, um dos cronistas mais sagazes da vida carioca no início do século XX. Filho de um professor de matemática e de uma dona de casa estudou no colégio São Bento onde mostrou seus dons literários. Em 1896 ingressou no colégio Pedro II. Em 1899 iniciou sua carreira de jornalista colaborando com o jornal O Tribunal. Entre 1900 e 1905 escreveu para os jornais O Paiz, O Dia, o Tagarela e o Correio Mercantil, usando diversos pseudônimos. Em 1905 ingressou na Gazeta de Notícias, e no dia 26 de novembro escreve o artigo "O Brasil Lê, assinando pela primeira vez João do Rio, pseudônimo com o qual entrou para a posteridade. Em 1910, João do Rio é finalmente eleito para a Academia Brasileira de Letras. Em 1915, torna-se correspondente estrangeiro da Academia de Ciências de Lisboa. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 25 de junho de 1921.

Esses cavalheiros haviam mostrado um certo apetite. Era, após o jantar, na residência de Ernesto Pereira, assaz feliz para ter, antes dos quarenta anos, um palacete discreto e muito mais de cem mil contos.

Com tão confortável fortuna, Ernesto estava quase branco, não bebia senão águas minerais e mantinha as mulheres como simples companheiras para distrair. Após um negócio - ceia com elas e champagne bebido pelos outros. Enriquecer quando não custa a vida e uma fortuna, custa, pelo menos, o melhor bem humano, porque transitório - a mocidade. Ernesto aliás tratava o doloroso e delicado assunto com cinismo amável. - Que querem vocês? Aos vinte anos, afastei as mulheres para conquistar a Fortuna. A Fortuna vingou-se desabitando-me do amor...

Mas era gentil, muito gentil, como diziam essas damas. Fazia as despesas de uma italiana, montara casa a uma espanhola, comia com as figuras mais impressionantes do armorial da galanteria, e protegia, às ocultas, algumas costureiras e modistas. O desprezo, ou antes, a integral indiferença de Ernesto pelas mulheres, só poderia ser notada porque esse homem jamais tinha uma história de mulher a contar. Quando narrava um fato era dos outros e referia-o sempre com o riso ingênuo da completa incompreensão. Parecia contar pilhérias de bonecos.

Os amigos julgavam-no feliz. Era-o. O homem feliz é aquele que não conhece o amor.

Nesse momento, porém, acesos os charutos no terraço sobre o mar a roda se fazia de homens, como é a maioria dos homens, tendo a vida com dois fins: dinheiro e mulher. Estavam Otaviano Rodrigues, que se arruinara por uma princesa austríaca, e André Figueiredo, com quem a princesa enganava Otaviano, mas que por sua vez tinha várias paixões, menos a princesa. Estava Clodomiro Viegas, que nunca pagara o amor e andava sempre a arranjar dinheiro para ser gentil com as generosas criaturas. Estava o comendador Andrade, que em trinta anos de francesas ainda não aprendera a falar francês. Estava Teodoro Gomes, o bolsista que enriquecia a bailarina russa de uma companhia italiana, em companhia de Godofredo de Alencar, o único literato com dinheiro.

E também palestrava Júlio Bento, lindo e excelente rapaz de trinta e cinco anos, casado, pai de cinco filhos, mas cuja lista de conquistas não deixava de ser profusa.

A conversa, precisamente, generalizava-se a propósito da última paixão de Júlio, senhora alta, com enorme boca vermelha e dois braços de tragédia, admiráveis e brancos, "as duas velas de seda da trirreme do amor", como dizia, com exagero, Godofredo de Alencar. Essa mulher agoniava Júlio Bento. Eram cartas, telegramas, chamadas ao telefone, imprevistas aparições, cenas de ciúme, ataques, tentativas de suicídio, recriminações, inquéritos minuciosos.

- Um inferno, meus caros! E eu tenho receio que minha esposa venha a saber.

- Mas deixa-a. Nada mais simples! insinuou Ernesto com o seu ingênuo e feliz desconhecimento do complicado desespero das ligações amorosas.

- É bom dizer. Ela mata-se...

- Ora!

- E para que deixar esta, se são todas assim? indagou ironicamente Alencar. Amar é sofrer, mas ser amado é o cataclismo. Não se pode fazer mais nada. Elas caem sobre a gente como os andaimes. Um gnóstico dizia que é preciso passar pela mulher como pelo fogo. Nós imbecilmente ficamos a assar. Ao demais o Elifas Levi já teve uma frase lapidar - "Queres possuir? Não ames! Nós, sem inteligência, em vez de possuir, somos possuídos. A inteligência é um perigo no amor."

- Paradoxal!

- Conforme. Qual de nós não almeja, não sonha com o tipo da amante ideal? Qual de nós, porém não sofreria se amasse o tipo da amante ideal?

- A questão é saber qual a amante ideal, após três meses...

- A amante ideal! suspirou Júlio Bento.

- É a esposa, sentenciou o velho solteirão Andrade.

- A esposa, meu caro amigo, desde a Grécia, é a mãe dos nossos filhos. Não a sobrecarreguemos... Moisés, segundo a lenda, forjou o anel do Amor. E tais foram as complicações, que logo teve de forjar com pressa um outro: o anel do Esquecimento. Nenhum dos dois é a aliança matrimonial...

Júlio Bento ficara pensativo. E de repente:

- Como o Alencar fala a verdade. Eu já tive a amante ideal.

Houve na roda um alegre sobressalto.

- Tu?

- Como era ela?

- E deixaste-a fugir?

Júlio Bento, sem tristeza, suspirou.

- Sim. Apenas só depois é que soube... E até agora, francamente, não compreendo, não atino, não sinto bem... Que aventura! Imaginem vocês...

Acendeu outro charuto e, impaciente, continuou:

- Há uns cinco anos encontrei no teatro uma encantadora mulher. Pálida, da cor dos jasmims, dois olhos verdes, pestanudos, uma longa cabeleira de ébano, alta, magra. Estava no camarote pegado ao meu, só, vestida de preto. Olhou-me duas vezes. Da segunda havia muitas intenções. Fiquei desejoso de a conhecer, de falar-lhe. Mas, evidentemente, não era uma qualquer mulher. Saiu em meio de um ato e eu fiquei com a família, não sei por que, raivoso. Quatro dias depois ia pela rua do Ouvidor, quando a vi que vinha a sorrir. Tinha uma linda boca. Cumprimentei-a. Continuou a andar. Segui-a. Voltou-se uma só vez e logo meteu-se pela rua Gonçalves Dias. Continuei a acompanhá-la. Ela ia pelo meandro de ruas estreitas e comerciais. Enfim, num beco deserto, entrou por uma porta. Quando passei pela porta, ela estava no corredor. Timidamente disse-lhe:

- Desculpe se a acompanhei...

- Entre, fez ela com a voz calma. Não podíamos falar em ruas de movimento. Não seria conveniente nem para mim nem para você.

Fez uma pausa, murmurou: Simpatizei muito com a sua pessoa.

- E eu, então!

Ela riu:

- Sempre que as mulheres querem, os homens simpatizam ao menos uma vez.

Agarrei-a, ela ofereceu-me a boca, que cheirava a rosa, e gulosamente mordeu-me. Depois, desprendendo-se:

- Agora vá embora!

- Mas isso não pode ficar assim. Onde a posso encontrar?
- Na minha casa é impossível neste momento...
- Como se chama?
- Adelina. Até outro dia...
- Há outras casas. Por aqui mesmo...
- Hoje não.
- Por quê?
- Ninguém tem mais vontade do que eu... Amanhã, se quiser. Serve-lhe às duas horas da tarde, num automóvel defronte do terraço do Passeio Público?

Concordei. No dia seguinte rolávamos, às duas da tarde, para a Quinta da Boa Vista e essa mulher era de um ardor, de uma paixão alucinantes. Apenas não saiu do automóvel e no automóvel estivemos até às seis horas. Ao deixá-la, Adelina disse-me apenas:

- Moro numa pensão da rua da Piedade. Quando quiser, escreva-me.
- E não posso lá ir?
- Se quiser, durante o dia.

A minha curiosidade conseguiu saber aquilo que ela não dizia, mas de que não fazia mistério. Chamava-se Adelina Roxo. Era casada, separada do marido. Vivia mantida por um velho diretor de banco, que lhe dava larga vida. O seu modo era tão esquisito, tão diverso das outras mulheres quando desejavam, que me absteve de a

procurar oito dias. Quando as mulheres são sinceras, os homens são "cocottes".

O "chiquet" é a essência do amor. Apenas verifiquei a inutilidade do processo e apertou-me o desejo. Queria aquela volúpia e queria também conhecer a mulher. Escrevi, pela manhã, uma carta sem assinatura, e lá fui. Recebeu-me deliciosamente. Tinha três salas admiráveis. O gabinete de vestir era mobiliado de sândalo com incrustações de marfim. Os tapetes altos de seda turca contavam em azul sobre fundo rosa suratas do Korão. Um cheiro de rosas errava no ar, e ela despindo um "chartcha" de seda pesada apareceu-me através de um tecido de Brussa com a pulcra delicadeza de um lírio à sombra. Amei-a furiosamente. Ela era das que, entregando-se, infiltram nos mortais ainda mais desejo. E se eu a amei, ela teve todas as etapas do delírio desde o frenesi ao desmaio. Ao sair esperei alguma frase, um pedido, uma súplica. Nada. Não me demorou, beijou-me com a alma. E não disse uma palavra.

Era diversa, integralmente diversa das outras. Certo gostava de mim, gostava com um calor que eu não sentira em nenhum outro corpo. Mas todas as mulheres querem saber coisas, perguntam onde vamos, indagam se as amamos muito, se será para sempre, e não deixam de reter mais alguns momentos a criatura... Ela não teve um só gesto nem uma das frases banais, mas que estamos acostumados a ouvir.

Claro que voltei. Conversávamos. Ela, sem pedantismos, sabia muito mais do que eu. Viajara a Europa inteira, falava várias línguas, conhecia os poetas de diversos países, que lia em

encadernações de antílope com fechos de ouro lavrado. Mas, rindo com infinita alegria, prendendo com a sua clara voz, o seu olhar de brasa verde, o seu corpo de jasmim, jamais perguntou pela minha vida. E também não me disse uma palavra a respeito da sua, e também não me pediu nada. Sabem vocês como as mulheres gostam de contar a própria vida aos amantes. É um duplo exercício de mentira e de tortura. Sabem vocês, como ao cabo de uma semana não se pode dar um passo sem ter a senhora apaixonada a perguntar-nos os detalhes mínimos do dia. Ela abstinha-se desses atos, naturalmente. E, talvez por isso, se o meu desejo aumentava, a minha desconfiança irritada crescia. Nem o meu nome ela perguntara - nome que, de resto, devia saber. Tratava-me de "Meu pequeno", meu "guru". Um dia disse-lhe:

- Não sabes o meu nome?

- Não.

- Mas eu assino as cartas...

- Ah! sim, as cartas... Mas não quero o teu nome, quero-te a ti. Que me importa que te chames João, Antônio ou mesmo Júlio?...

- O tratamento de "guru", entretanto...

Ela deu uma grande risada.

- Ah! essa palavra é de um grande poema de amor, o "Ramayana". É uma palavra de carinho, de afeição que não tem tradução. Achei-a simpática. Só a ti no mundo eu chamo assim. Porque só a ti no mundo eu amo, meu pequeno...

- Enfim, um homem casado transformado em "guru"...

Eu dizia para forçá-la a perguntar-me as coisas. Foi em vão. Em virtude de tanta liberdade, como sou humano entre os lamentáveis humanos, aproveitei-a para traí-la. Traí-la? Pode-se trair uma mulher que não nos toma contas? Tive várias intrigas amorosas, que me deram enormes incômodos e fizeram-me enormes despesas. Todas essas mulheres amavam-me como loucas e eu as deixei sem que elas mudassem. Alguns negócios forçaram-me a ausentar da cidade.

- É uma aventura mortal! dizia a mim mesmo para convencer-me.

E ao chegar das viagens, lá ia entre desejoso daquele amor impossível de pôr em dúvida e um vago mal-estar, uma inquietação. Afinal, teria ou não interesse por mim? Tinha, era evidente que tinha. Mas não era bem esse alheamento da vida comum. Talvez forçasse a indiferença para não contar os mistérios da sua existência. Mas, respondia sempre com franqueza a tudo quanto lhe perguntava! Talvez tivesse outro amante. Inquiri, observei. Não. Além do velho banqueiro, só a mim...

Os nossos encontros faziam-se intermitentes. Semanas havia que estávamos juntos todos os dias. Depois passávamos semanas sem nos vermos. Era natural que essa mulher, diante de uma ausência prolongada, procurasse falar-me, escrevesse, passasse um telegrama ao menos. Pois nada. E recebia-me com a mesma ternura, o mesmo sincero amor, sem uma pergunta. Às vezes resolvia não a procurar mais. Encontrava-a, porém, na rua, e a irradiação do desejo era tão forte, que tivesse eu o mais urgente negócio, largava tudo para segui-la. Ela também ficava trêmula,

com as mãos frias. Tomávamos o primeiro automóvel e era um verdadeiro frenesi.

Diante da sua absoluta discrição, era forçado a ser discreto. Nunca trocamos uma palavra a propósito do velho diretor do banco. E a necessidade de contar a minha vida se fazia nula com o acanhamento que produzia o seu ar de não querer saber. Uma vez gabei-lhe os olhos. Eram macios e ardentes.

- Herança, meu pequeno.

- Como?

- Eu sou descendente de armênios. Minha avó devia tapar os olhos. Eles ficaram com mais luz e mais doçura. São olhos de serralho...

- Curioso. Por que não me contas a tua vida?

- Porque não vale a pena.

- Mas não perguntas pela minha?

- Para não te aborrecer. Eu sou a tua escrava. Dei-te o meu desejo e o meu coração. Não tenho o direito de perguntar. Estamos assim tão bem...

Ela falava com tanta brandura, as suas mãos de jasmim pousavam tão docemente sobre os meus olhos, que senti uma infinita pena de mim mesmo, e calei-me... Sim, de fato, para que falar, para que mentir, quando não mentíamos ao nosso desejo? Vivemos assim largo tempo. Se não ia à sua casa e a via na rua - era fatal, soçobrávamos na volúpia. Às vezes o desejo era tão forte e imediato, que ela entrava em qualquer porta e ali mesmo as nossas

bocas se ligavam vorazes - antes de seguirmos para a luxúria ardente dos seus aposentos.

Possuía-me e entregava-se como jamais pensara que fosse possível!

Conservara durante anos a mesma chama, a mesma maravilhosa chama. Sem uma intimidade, sem detalhes da vida comum, sem me interrogar, sem chegar a esse momento habitual em que dois amantes são iguais a duas criaturas comuns. Eu a consideraria exasperante, se, talvez por isso - o meu desejo nunca tivesse força de resistir.

Enfim, há três meses tive de ir à Bahia. Ia demorar, pelo menos, trinta dias. Podia dizer-lhe. Mas o meu orgulho resistiu. Passei a tarde com ela, aliás, e quando consultei o relógio, ainda esperava uma pergunta, que não veio. Parti. Não escrevi. Não escrevi, posto que pensasse nela. Era o que eu julgava uma vingança. Ao chegar, não resisti e fui vê-la. Recebeu-me a dona da pensão, uma velha francesa.

- Bem dizia madame que o senhor tornaria...

- Onde está ela?

- Oito dias depois daquela tarde, ela caiu doente, muito mal. Esteve assim três dias. Afinal, os médicos acharam necessário uma operação. Era apendicite. Saiu daqui para ser operada no Hospital dos Ingleses. Mas antes de sair, chamou-me. Lembro-me bem das suas palavras, 'la pauvre'!

"Madame Angéle, eu vou morrer, sinto que vou morrer. Quando o meu pequeno aparecer, diga-lhe que não fique triste, mas que eu morrerei pensando nele como o meu único bem..."

- Então?

- "Pauvre petite!". Morreu na mesa de operações...

- Mas onde a enterraram?

- Não sei, não acompanhei. Talvez perguntando ao Sr. Herbrath...

Desci, quase a correr, para não mostrar à velha francesa as minhas lágrimas. Todo esse longo, o único longo amor da minha vida, surgia aos olhos do meu desejo como um sonho. Tinha sido uma ilusão, a imensa ilusão. E desaparecera, de modo que nem mesmo lhe sentira o amargor, nem mesmo lhe compreendia o fim, pensando na última tarde que fora a primeira, sempre primeira, sempre nova, sempre a que afasta para depois a tristeza...

Na rua, eu era como o homem que; tendo tido uma entrevista de amor em que amou com fúria - procura encontrar de novo aquela que não teve tempo de conhecer bem, com a ânsia dos vinte anos.

O criado de Ernesto entrou nesse momento com o café e largos copos de cristal, onde gotejou uma famosa "fine" de 1840. Júlio recebeu o copo, virou-o. Se estivéssemos em tempo de emoções, a sua história poderia ter comovido. Mas não estamos. Otaviano é que disse com indiferença:

- Curioso!

- Nunca me pediu nada, nunca lhe dei nada, nunca me perguntou nada, continuou Júlio Bento, com a voz surda. O sentimento que conservo por ela é o mesmo: um louco desejo e uma certa humilhação...

- Porque tu és da vida comum e ela era o amor, respondeu Alencar. O amor é o desejo acima da vida. Talvez nunca tivesse dito sem o sentir uma tão profunda frase. Nenhum de nós nascidos e vividos na mentira e na tortura da mulher, compreenderia essa amante que existiu, como todas as coisas irreais. Mas, se nos fosse dado compreender - aos homens como às mulheres, todos nós invejaríamos a tua sorte e o prazer superior dessa suave perfeição. Para conservar o desejo é preciso não mentir, não pedir e não saber. Ela foi a amante ideal, a única sincera.

Nesse momento o criado voltou a prevenir Bento de que uma senhora estava à sua espera num automóvel, a chorar.

- É, a Hortênciã! bradou Bento. Nem aqui me deixa! Por Deus, não lhe contem essa aventura. Teria ciúmes da morta. É insuportável!

E como todos os homens neste mundo, precipitou-se ansioso para a amante, igual às outras.



MARCIA

Luciano Bastos

Depois de trabalhar 35 anos como executivo de empresa de comunicação, radicou-se na serra fluminense para curtir sua paixão por cinema e para contar histórias. Escreve crônicas do cotidiano, resenhas de filmes e contos. Tem um livro publicado pela Editora Jaguatirica intitulado "Algo aconteceu na mesa ao lado".

Desde os tempos mais remotos aos dias mais chegados, há sempre um estatuto em vigor, que dita o que se deve e o que não se deve fazer numa visão muitas vezes míope daquilo que de repente pode transformar tudo.

Não há por que duvidar, em qualquer circunstância, da moral e dos conceitos éticos de Dom Rubião da Manteiga e sua fidelíssima senhora, Dona Crisoleima de Barros, antes de mais nada filha do seu Julinho, dono do Posto 2, famoso paradoro do local onde, entre um tira-gosto e um gole de pinga, são debatidos os mais palpitantes assuntos, não há nada que sustente a falta de retidão e de princípios.

Que a filha Marcia de Dom Rubião e neta de seu Julinho tivesse sido educada no rigor cristão, ninguém tinha dúvida. Dom Rubião quase entrou para o Seminário para servir a Deus de batina, mas depois que conheceu Dona Crisoleima percebeu que seria impensável a castidade. O Dom veio daí, pois era assim que chamavam o Monsenhor Capistrano da casa paroquial e o quase padre acabou incorporando o título por empréstimo. Marcia, a bela

morena, foi criada para ser moça casadoira, mãe de muitos filhos, talvez até podendo chegar a ser professora da Escola Municipal.

Quando fez 15 anos, com os seios já insinuados com determinação no vestido de chita, Marcia começou a pen tear melhor os cabelos e se plantar horas na frente ao espelho admirando a sua formosura em formação. Já possuía um belíssimo par de coxas morenas que se subiam em curva graciosa para formar nádegas atrevidas. O conjunto todo de pele e de hormônios era de uma beleza primitiva e singular. E Marcia começou a tomar gosto ao sentir-se admirada na passagem da pracinha para ir buscar o leite, percebendo os olhares famintos do povo daquele vilarejo sem emoções.

Cumprindo cada vez mais o ritual de autoadmiração , começou a caminhar todas as tardes ensolaradas para uma foz de um riacho que delimitava a região do brejo com a região encolinada. Lá se espreguiçava e ficava bulindo na água com uma vareta, absorta nos pensamentos ninguém poderia adivinhar quais eram. Com o passar dos tempos aquela água limpa começou a lhe inspirar outras rotinas. Como se houvesse plateia, ela tirava o vestido numa encenação sensual, depois a sandália e finalmente a calcinha para, por fim, mergulhar no riacho. Dava algumas braçadas e depois se recostava numa pedra, e lá ficava um bom tempo inserida na paisagem. Isso se repetia todas as tardes, como se fosse uma religião bem seguida, e aquele corpo cada vez mais generoso mergulhando naquele riacho, onde na pedra recostada ela estimulava os mamilos que se tornavam verdadeiras lanças.

Numa das tardes, Marcia repetindo o procedimento de todos os dias, estampando no rosto o imenso prazer daquela suave

estimulação mamária, perde o controle e começa a se contorcer, a espremer as coxas, até que, alvoroçada, lança mão de restos vegetais que desciam na correnteza para apertar junto ao sexo que já inflamava de gozo e espuma.

Os dias de Marcia continuavam iguais, e as suas tardes de extrema excitação de sexo solitário ganhavam a cada dia mais um elemento, mais uma forma, mais um delírio. Agora, seu corpo moreno já roçava nas árvores, os dedos em movimentos rápidos e hábeis já se trocavam em busca da alegria clitoriana, num coito com a natureza e consigo mesma. Atingia diversas vezes o êxtase pelo gozo que se libertava em gemidos que ecoavam na cumplicidade das matas.

Numa dessas tardes aconteceu a plateia que Marcia tentava fantasiar. Era Fabiano, rapazola de seus dezessete anos, filho de vaqueiros, que, naquelas pastagens, era conhecido pelas suas sacanagens com as empregadinhas da Fazenda. Ele passava por ali, sem ir propriamente a nenhum lugar quando viu aquela cena inacreditável, um lindo corpo jovem e nu explodindo amor e safadeza, totalmente ao natural, aqueles cabelos negros a chicotear as faces, aquelas pernas vigorosas e trêmulas de prazer, era um sonho, era Márcia.

Passados os primeiros momentos de perplexidade, Fabiano se aproximou dela, os dois se olharam, ela ainda um pouco surpresa, um pouco indecisa, não sabia se corria, mas chegou mais perto, um pouco mais e, sem palavras, beijaram-se como se essa fosse a única forma de explicar o que estava acontecendo. Ainda sem nada dizerem, foram se tocando, ela descia a língua pelo pescoço, abria-lhe a camisa, a mão dele já pousava naquelas nádegas firmes, e cada

vez mais unidos pela grande sinfonia que seus corpos compunham, eles evoluíam seu reconhecimento. As mãos de Márcia, que tantas vezes havia acariciado o clitóris, agora experimentava a rigidez do pênis duro do rapaz. Ambos percorreram com a língua cada centímetro do corpo do parceiro num êxtase profundo de entrega absoluta. E passaram ali não se sabe se muitos minutos ou se algumas horas, penetrando-se de todas as formas e jeitos e em todas as reentrâncias lubrificadas da morena do riacho.

Depois desse dia, Marcia começou a ser mais provocante em tudo. Mulher que era diplomada no seu corpo, ela já se divertia em abaixar um pouco o decote quando passava por alguém que lhe dissesse algum gracejo ou de sentar no banquinho da praça e cruzar as pernas de um jeito que as coxas ficassem ainda mais irresistíveis. Tinha decidido. Iria para o Município vizinho, uma cidade maior e com mais recursos, e faria daquilo que era a sua mais legítima razão de viver, um meio de vida. Viraria uma encantadora de serpentes, um ser que colocaria a sua fantasia a flertar com a fantasia de outros.

Quando Dom Rubião soube, ficou tão desgostoso e tão enfurecido, que foi até a sua casa para surrar a filha de tal jeito que lhe tirasse a formosura, mas ela pressentindo o que estava para acontecer já tinha partido, sem nenhum aviso, daquela cidade para nunca mais.

Dona Crisoleima nunca mais saiu à rua. Fechou-se no seu pequeno mundinho. Fabiano nunca mais se envolveu com as empregadas da Fazenda e casou-se mais tarde com uma prima distante. Hoje tem 3 filhas, todas mulheres. Dom Rubião passou a andar armado para se defender dos falatórios.

A cidade, vale dizer, ficou mais triste. Márcia já não passava mais por ali dando um pouco dela a todos, um pouco de vida e um pouco de alegria e imaginação àquela gente de dias sempre tão iguais. Ele renunciou a tudo aquilo e se refugiou no abrigo do seu corpo para sempre. O riacho ficou sem ninguém e o Ponto 2 cerrou suas portas para nunca mais abrir.



O ÚNICO ASSASSINATO DE CAZUZA

Lima Barreto

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), foi um importante escritor brasileiro da fase Pré-Modernista da literatura. Sua obra está impregnada de fatos históricos e de uma perspectiva da sociedade carioca. Analisa os ambientes e os costumes do Rio de Janeiro e faz uma crítica à mentalidade burguesa da época. Filho do tipógrafo Joaquim Henriques de Lima Barreto e da professora primária Amália Augusta, ambos mestiços e pobres, sofreu preconceito a vida toda. Em 1903, quando cursava o terceiro ano de Engenharia, foi obrigado a abandonar o curso, pois seu pai havia enlouquecido e o sustento dos três irmãos agora era responsabilidade dele. Em 1904 prestou concurso para escriturário do Ministério da Guerra, foi aprovado e permaneceu na função até se aposentar. Em 1905 ingressou no jornalismo com uma série de reportagens que escreveu para o Correio da Manhã. Em 1907 fundou a revista "Floreal", que lançou apenas quatro números.

Hildegardo Brandão, conhecido familiarmente por Cazuzza, tinha chegado aos seus cinquenta anos e poucos, desesperançado; mas não desesperado. Depois de violentas crises de desespero, rancor e despeito, diante das injustiças, que tinha sofrido em todas as coisas nobres que tentara na vida, viera-lhe uma beatitude de santo e uma calma grave de quem se prepara para a morte.

Tudo tentara e em tudo mais ou menos falhara. Tentara formar-se, foi reprovado; tentara o funcionalismo, foi sempre preterido por colegas inferiores em tudo a ele, mesmo no burocracismo; fizera literatura e se, de todo, não falhou, foi devido à audácia de que se revestiu, audácia de quem "queimou os seus navios". Assim mesmo, todas as picuinhas lhe eram feitas. Às vezes, julgavam-no inferior a

certo outro, porque não tinha pasta de marroquim; outras vezes tinham-no por inferior e determinado “antologista”, porque semelhante autor havia, quando “encostado” ao consulado do Brasil, em Paris, recebido como presente do rei do Sião, uma bengala de legítimo junco da Índia. Por essas e outras, ele se aborreceu e resolveu retirar-se da liça. Com alguma renda, tendo uma pequena casa, num subúrbio afastado, afundou-se nela, aos quarenta e cinco anos, para nunca mais ver o mundo, como o herói de Jules Verne, no seu “Nautilus”. Comprou os seus últimos livros e nunca mais apareceu na Rua do Ouvidor. Não se arrependeu nunca de sua independência e da sua honestidade intelectual.

Aos cinquenta e três anos, não tinha mais um parente próximo junto de si. Vivia, por assim dizer, só, tendo somente a seu lado um casal de pretos velhos, aos quais ele sustentava e dava, ainda por cima, algum dinheiro mensalmente.

A sua vida, nos dias de semana, decorria assim: pela manhã, tomava café e ia até a venda, que supria a sua casa, ler os jornais, sem deixar de servir-se, com moderação, de alguns cálices de parati, de que infelizmente abusara na mocidade. Voltava para a casa, almoçava e lia os seus livros, porque acumulara uma pequena biblioteca de mais de mil volumes. Quando se cansava, dormia. Jantava e, se fazia bom tempo, passeava a esmo pelos arredores, tão alheio e soturno que não perturbava nem um namoro que viesse a topar.

Aos domingos, porém, esse seu viver se quebrava. Ele fazia uma visita, uma única e sempre a mesma. Era também a um desalentado amigo seu. Médico, de real capacidade, nunca o quiseram

reconhecer porque ele escrevia “propositalmente” e não – “propositadamente”, “de súbito” e não – “às súbitas”, etc., etc.

Tinham sido colegas de preparatórios e, muito íntimos, dispensavam-se de usar confidências mútuas. Um entendia o outro, somente pelo olhar.

Pelos domingos, como já foi dito, era costume de Hildegardo ir, logo pela 4 manhã, após o café, à casa do amigo, que ficava próximo, ler lá os jornais e tomar parte no “ajantarado”, da família.

Naquele domingo, o Cazuzza, para os íntimos, foi fazer a visita habitual a seu amigo doutor Ponciano.

Este comprava certos jornais; e Hildegardo, outros. O médico sentava-se a uma cadeira de balanço; e o seu amigo numa dessas a que chamam de bordo ou de lona. De permeio, ficava-lhes a secretária. A sala era vasta e clara e toda ela adornada de quadros anatômicos. Liam e depois conversavam. Assim fizeram, naquele domingo.

Hildegardo disse, ao fim da leitura dos quotidianos:

– Não sei como se pode viver no interior do Brasil!

– Por quê?

– Mata-se à toa por dá cá aquela palha. As paixões, mesquinhas paixões políticas, exaltam os ânimos de tal modo, que uma facção não teme eliminar o adversário e por meio do assassinato, às vezes o revestindo da forma mais cruel. O predomínio, a chefia da política local é o único fim visado nesses homicídios, quando não são a questões de família, de herança, de terras e, às vezes, causas

menores. Não leio os jornais que não me apavore com tais notícias. Não é aqui, nem ali; é em todo o Brasil, mesmo às portas do Rio de Janeiro. É um horror! Além desses assassinatos, praticados por capangas – que nome horrível! – há os praticados pelos policiais e semelhantes nas pessoas dos adversários dos governos locais, adversários ou tidos como adversários. Basta um boquejo, para chegar uma escolta, varejar fazendas, talar plantações, arrebanhar gado, encarcerar ou surrar gente que, pelo seu trabalho, devia merecer mais respeito. Penso, de mim para mim, ao ler tais notícias, que a fortuna dessa gente que está na câmara, no senado, nos ministérios, até na presidência da república se alicerça no crime, no assassinato. Que acha você?

– Aqui, a diferença não é tão grande para o interior nesse ponto. Já houve quem dissesse que, quem não mandou um mortal deste para o outro mundo, não faz carreira na política do Rio de Janeiro.

– É verdade; mas, aqui, ao menos, as naturezas delicadas se podem abster de política; mas, no interior, não. Vêm as relações, os pedidos e você se alista. A estreiteza do meio impõe isso, esse obséquio a um camarada, favor que parece insignificante. As coisas vão bem; mas, num belo dia, esse camarada, por isso ou por aquilo, rompe com o seu antigo chefe. Você, por lealdade, o segue; e eis você arriscado a levar uma estocada em uma das virilhas ou a ser assassinado a pauladas como um cão danado. E eu quis ir viver no interior! De que me livrei, santo Deus!

– Eu já tinha dito a você que esse negócio de paz na vida da roça é história. Quando cliquei, no interior, já havia observado esse prurido, essa ostentação de valentia de que os caipiras gostam de

fazer e que, as mais das vezes, é causa de assassinatos estúpidos. Poderia contar a você muitos casos dessa ostentação de assassinato, que parte da gente da roça, mas não vale a pena. É coisa sem valia e só pode interessar a especialistas em estudos de criminologia.

– Penso – observou Hildegardo – que esse êxodo da população dos campos para as cidades, pode ser em parte atribuído à falta de segurança que existe na roça. Um qualquer cabo de destacamento é um César naquelas paragens – que fará então um delegado ou subdelegado? É um horror!

Os dois calaram-se e, silenciosos, se puseram a fumar. Ambos pensavam numa mesma coisa: em encontrar remédio para um tão deplorável estado de coisas. Mal acabavam de fumar, Ponciano disse desalentado:

– E não há remédio.

Hildegardo secundou-o.

– Não acho nenhum.

Continuaram calados alguns instantes, Hildegardo leu ainda um jornal e, dirigindo-se ao amigo, disse:

– Deus não me castigue, mas eu temo mais matar do que morrer. Não posso compreender como esses políticos, que andam por ai, vivem satisfeitos, quando a estrada de sua ascensão é marcada por cruces. Se porventura matasse creia que eu, a que não tem deixado passar pela cabeça sonhos de Raskólnikoff, sentiria como ele: as minhas relações com a humanidade seriam de todo outras, daí em diante. Não haveria castigo que me tirasse semelhante remorso da

consciência, fosse de que modo fosse, perpetrado o assassinato. Que acha você?

– Eu também; mas você sabe o que dizem esses políticos que sobem às alturas com dezenas de assassinatos nas costas?

– Não.

– Que todos nos matamos.

Hildegardo sorriu e fez para o amigo com toda a serenidade:

– Estou de acordo. Já matei também. O médico espantou-se e exclamou:

– Você, Cazuza!

– Sim, eu! – confirmou Cazuza.

– Como? Se você ainda agora mesmo...

– Eu conto a coisa a você. Tinha eu sete anos e minha mãe ainda vivia. Você sabe que, a bem dizer, não conheci minha mãe!

– Sei.

– Só me lembro dela no caixão quando meu pai, chorando, me carregou para aspergir água benta sobre o seu cadáver. Durante toda a minha vida, fez muita falta. Talvez fosse menos rebelde, menos sombrio e desconfiado, mais contente com a vida, se ela vivesse. Deixando-me ainda na primeira infância, bem cedo firmou-se o meu caráter; mas, em contrapeso, bem cedo, me vieram o desgosto de viver, o retraimento, por desconfiar de todos, a capacidade de ruminar mágoas sem comunicá-las a ninguém – o

que é um alívio sempre; enfim, muito antes do que era natural, chegaram-me o tédio, o cansaço da vida e uma certa misantropia.

Notando o amigo que Cazuzza dizia essas palavras com emoção muito forte e os olhos úmidos, cortou-lhe a confissão dolorosa com um apelo alegre:

– Vamos, Carleto; conta o assassinato que você perpetrrou.

Hildegardo ou Cazuzza conteve-se e começou a narrar:

– Eu tinha sete anos e minha mãe ainda vivia. Morávamos em Paula Matos... Nunca mais subi a esse morro, depois da morte de minha mãe...

– Conte a história, homem! – fez impaciente o doutor Ponciano.

– A casa, na frente, não se erguia, em nada, da rua; mas, para o fundo, devido à diferença de nível, elevava-se um pouco, de modo que, para se ir ao quintal, a gente tinha que descer uma escada de madeira de quase duas dezenas de degraus. Um dia, descendo a escada, distraído, no momento em que punha o pé no chão do quintal, o meu pé descalço apanhou um pinto e eu o esmaguei. Subi espavorido a escada, chorando, soluçando e gritando: “Mãe, mãe! Mãe, mãe! Mãe, mãe!..” Os soluços me tomavam a fala e eu não podia acabar a frase. Minha mãe acudiu, perguntando: “O que é, meu filho! Quem é que você matou?” Afinal, pude dizer: “Matei um pinto, com o pé”.

E contei como o caso se havia passado. Minha mãe riu-se, deu-me um pouco de água de flor e mandou-me sentar a um canto: “Cazuzza, senta-te ali, à espera da polícia.” E eu fiquei muito sossegado a um canto, estremecendo ao menor ruído que vinha da

rua, pois esperava de fato a polícia. Foi esse o único assassinato que cometi. Penso que não é 6 da natureza daqueles que nos erguem às altas posições políticas, porque, até hoje, eu...

D^a Margarida, mulher do doutor Ponciano, veio interromper-lhes a conversa, avisando-os que o “ajantarado” estava na mesa.



OS MORADORES DO APARTAMENTO 501

Ingrid Morandian

Nasceu em São Paulo (SP), onde reside. É autora do livro Se você me amasse, teria fechado os olhos, pela Editora Patuá, 2019. Além de ter participado de várias antologias e livros de coletâneas (como Senhoras Obscenas), revistas eletrônicas: Mallarmagens, Diversos Afins, Liberoamérica, Germina entre outras. Foi curadora da mallarsérie "Obatalá" da Revista Mallarmagens, dedicada à escrita de autores e autoras negros.

Na penumbra da sala, o silêncio espesso, ele acende mais um cigarro na brasa do outro. Sopra a fumaça, enfado. Ele observa, da janela, os carros sob o viaduto. O olhar gasto do dia e acostumado à noite.

- Mas, pai, tem certeza?

- Sim, tenho.

- Mas...

- Está decidido.

Gustavo, na mesa, apoia o rosto em uma das mãos. O pai entranhado, cofia a barba rala.

Do corredor, restos de vozes, passos, um trinco de porta que se abre. Outras vidas.

- Os vizinhos do 501 é que são felizes. Encara o filho que arrisca um sorriso. Baixa a cabeça. No aparador, o retrato de família permanece. Pai, mãe e Gustavo aos 12 anos. Férias em Caraguatatuba.

- Foi ótimo!

No 501, o som da tevê, risos de criança, barulhos de cozinha. Um casal e uma menina de 7 anos.

Luiz levanta-se, vasculha com os olhos a sala, sombras esquecidas, guarda os gestos delicados de Juliana. A comemoração das bodas de prata em Santiago. A paciência e dedicação com que ela lidava com as crianças da escola. As complicações para engravidar, os tratamentos e o anúncio. Aconteceu após uma sessão de cinema, discutiam o filme “Nunca te vi, sempre te amei”. Juliana empolgada confirmou: - Estou grávida. Luiz a abraçou forte, as mãos espalmadas nas costas. Ele sabia, a criança vinha justamente para abrandar a tempestade, depois de tudo.

“Mãeeeeeeeeeee, você vai fazer aquele bolinho de carne?” a menina grita. “Vou, sim. Abaixei essa televisão. Vá com o seu pai buscar refrigerante no mercado, acabou.” “O pai tá no banho.”

Daquelas férias, Gustavo recorda-se do sol vivo, das ondas, da areia colada ao corpo, das gargalhadas da mãe. Ela é assim, ri à toa, de bem com a vida - ouvia as amigas do trabalho comentarem.

Luiz apanha o envelope do sofá.

- Há dois anos. Foi naquele churrasco, na casa da praia, ela passou tão mal. Desde então, a vida de sua mãe tornou-se areia movediça.

“Ó pai vem ver o desenho que fiz na escola hoje.” “Estou me vestindo, filhota.” “Amô, precisa comprar refrigerante.” “Tá bom.”

- Estranhamente, o tempo não foi a nosso favor, a doença avançou de tal forma... ela definhou em meses...

Estende o documento a Luiz que acena contrariado. Palavras indizíveis. Recolhe a maleta. Abre a porta. No corredor, Gustavo encontra o vizinho do 501 e a filha, na entrada do elevador.

- Boa noite, senhor Gustavo.

- Boa noite.

- Oi, tio. Vai viajar?

- Filha...

- Tudo bem. Vou passear um pouco.

Do saguão, alcançam a rua. Gustavo acende outro cigarro. Os moradores do 501 seguem pela calçada iluminada, o rapaz segura a mãozinha da menina. O cheiro de colônia-e-banho esvai-se.

Debruçado no parapeito do terraço, Luiz rasga o envelope. O testamento deixado pela Juliana.



ROSA CHÁ

Jason Prado

Jornalista, dramaturgo, editor e produtor cultural. Autor de diversos programas educacionais, entre eles o Leia Brasil, a Caravana da Cultura, o Circo Girassol, a Bienal da Leitura e a Sonora, Rádio e TV. Publisher dos Cadernos de Leituras Compartilhadas, tem livros e artigos publicados sobre Leitura, Educação e Desigualdade.

Voltava pra casa a seu modo: bem devagar, pra dar tempo ao kush de invadir sua alma.

Ria um riso largo e fácil com os amigos, lembrando do show, das cervejas e das conversas da noite.

Aqui e ali passavam por um ou outro perdido, sozinhos ou acompanhados, desses que nunca se sabe se vão, ou se voltam.

A madrugada ia alta.

E então, entre uma fala e uma tragada, seus olhos deram de cara com um buquê de flores largado na calçada da praia.

Não. Era mais do que um buquê de loja, ou uma rama de vendedor de balada.

Eram rosas chá, com o cabo totalmente coberto por uma fita de seda. Um laçarote com fios de ouro bordados, e umas pedras coloridas cobrindo o nó...

Era um buquê de noiva.

A surpresa transformou a gargalhada num sorriso ameno. Os olhos ganharam ar de ternura.

E os amigos calaram quando ela, em dois saltinhos mais apressados, recolheu o achado.

Que história teria trazido aquele buquê à calçada?

Começou a pensar nas amigas da noiva se empurrando pra colher a prenda atirada às cegas.

E nas infinitas possibilidades que teriam levado tão cobiçado enfeite àquela situação de desprezo.

As flores ainda estavam perfeitas. Mergulhou nas manchas suaves do carmesim. dissolvido no branco das pétalas. Todas simétricas, do mesmo tamanho e no ponto exato: nem totalmente maduras, nem desprovidas de orgulho.

Admirou-se do estado em que se encontravam.

Da delicadeza do trabalho no arremate da empunhadura...

Não, aquele buquê talvez nem tivesse sido usado. Não trazia impressas as angústias e o nervosismo da dona, nem o cansaço amarfanhado da festa e das fotos. Sequer a violência do arremesso marcara as flores.

O que teria acontecido com a noiva?

Imediatamente foi tomada por uma inquietante tristeza.

Nunca se permitira nem mesmo uma relação duradoura, quanto mais um casamento, desses com véu e grinalda.

No entanto, lá no fundo da alma, o achado irrigado por maconha e cerveja, despertava a criança burguesa que fora. E lhe impunha uma insuportável sensação de perda.

A vida passara. Chegara aos quarenta e tantos, avó e, ao mesmo tempo, sozinha.

Nunca se pensara em se casar. Subir ao altar vestida de noiva. A igreja cheia, os padrinhos queridos e sua família ao seu lado, celebrando seus votos...

Por toda a vida bradara a liberdade, a força com que mantivera as suas escolhas, a completude com o que amealhara sozinha.

Mas aquele buquê instalara um vazio infernal.

Os olhos inundaram de lágrimas, que os lábios, comprimidos, relutavam em deixar que caíssem.

Os amigos, ainda sem perceber totalmente a mudança no estado de espírito, brincavam, cantarolavam a marcha nupcial, e diziam piadas infames.

Alheia a tudo e a todos, ela abraçou o buquê num aperto apaixonado. Impossível dizer em que pensava, mas suas lágrimas agora escorriam aos cântaros, contrastando com sua expressão, quase pueril, e um enigmático sorriso estampado no rosto.

Resolveu dividir suas emoções e contradições com os companheiros da noite.

Agarrada ao buquê, os chamou pra sentar num banco de pedra, onde Drummond os espreitava imóvel.

Recitou de cabeça um trecho de “a ausência” do mestre presente.

“sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, que rio e danço e invento exclamações alegres...”

Aquilo a tirou da melancolia. Sentiu vontade de rir e se divertir com os amigos.

—Que tola teria perdido - ou largado - o buquê no calçadão? Perguntava em voz alta.

Estavam já avançados nos anos. Todos cheios de histórias, e logo começaram a criar razões para a noiva, e inventar a trajetória das flores.

Tiveram o cuidado de não esquecer o jardineiro, a estufa, a artesã e o transporte...

Acenderam mais um ou dois fininhos que traziam apertados, e zoaram o casamento. Zoaram, também, a fantasia das noivas, o papel ridículo dos homens plantados no altar, os padrinhos, a igreja e os hábitos burgueses.

Reclamaram da sociedade de consumo, que impunha festas e listas de presentes, enquanto reclamaram do preço da cerveja no único quiosque aberto na orla.

Saciaram a larica e riram de suas inconsistências.

De repente ela abraçou as rosas com força.

Virou-se pro mar e o horizonte, onde começava a despontar um sol de verão.

Suspirou fundo, eliminando uma angústia de décadas. Parecia saudar o universo.

Agarrada às rosas, embriagada pelo aroma artificial do buquê e saturada de realidade, sorriu novamente com os olhos marejados de lágrimas, mas um sorriso de transcendência dominava seu rosto.

E entoou: — Oooooommmmm...

Contemplou o buquê à altura do rosto, cobrindo a primeira claridade do sol. Sem aviso, o atirou para trás, como se entregasse suas vivências ao passado.

Sob o olhar dos amigos o arranjo ganhou altura, rodopiou pelo ar, atravessou a ciclovía e aninhou-se valente no asfalto.

E foi sob o olhar petrificado da estátua de Carlos Drummond de Andrade, e a incredulidade de todos, que o caminhão da limpeza, varrendo a sarjeta, engoliu a prenda aos pedaços.

Ainda pulando, gritando e exaltando o gesto que a libertara, virou-se e viu o choque estampado na fisionomia de sua galera.

Deu-se conta, então, do vazio que plantara na madrugada...

Só a vassoura se manifestava, girando inclemente contra o asfalto e escovando o meio-fio.

Cobriu o rosto com as mãos e chorou com vontade.

Assim arrastou sua melancolia pra casa.



CAIXA DE BOMBOM

Vanessa Batista dos Santos

Nascida e residente em São Paulo, formou-se em Pedagogia e é professora de educação infantil da rede municipal de SP. Estudou em escola pública durante toda a infância e adolescência e com o apoio de uma professora foi desenvolvendo interesse pelo mundo da escrita. Aos 15 anos teve seu primeiro texto selecionado num concurso de redação pelo Instituto Ecofuturo. Teve uma crônica premiada em 1º lugar pelo Prêmio CET de Educação de Trânsito de 2022, e foi finalista do Prêmio Nelly Novaes Coelho de literatura Infante Juvenil de 2024 pelo UBE.

Antes do sinal da escola tocar, Priscila já estava preparada para subir até a sua sala para a primeira aula que seria de Português, matéria que demonstrava ter mais facilidade. Como de costume, sentou-se na carteira da frente pois não queria se distrair com as conversas paralelas dos colegas de classe e porque gostaria de se encaixar na turma dos estudiosos, nerds, embora não fosse tudo isso. Priscila era mesmo uma aluna muito esforçada, mas não era a aluna que só tirava as melhores notas e que entendia de tudo, principalmente se tratando de matemática.

A professora Kátia chegou e iniciou sua aula. Ela era uma professora que gostava muito de conversar com seus alunos e incentivava-os a aproveitarem ao máximo o tempo e as aprendizagens da escola. O jeito calmo e ao mesmo tempo firme, fazia com que os alunos a respeitassem e não haviam aqueles momentos de stress característicos dos momentos de indisciplina que fazem parte das turmas do ensino fundamental II. Professora Kátia buscava deixar suas aulas mais dinâmicas para que todos se

interessassem e participassem. Vez ou outra havia bingo de gramática ou ortografia, ditado participativo, leituras e músicas. Certa vez, a professora comunicou à classe que faria um concurso de redação, onde a redação premiada levaria nota máxima e ganharia uma caixa de bombom. Os alunos se animaram. Com o tema livre, muitos acharam que seria moleza, mas esqueceram que os jurados seriam eles mesmo, adolescentes exigentes.

Priscila anotou em sua agenda a data de entrega e começou a pensar no que escreveria. Ela não tinha o costume de escrever, mas queria muito poder ganhar uma caixa de bombom e tirar a maior nota. Nesse período, seu pai encontrava-se desempregado, e Priscila levava muito a sério o conselho que ouvia de seus pais: “Tem que estudar para ser alguém na vida”. Seus pais mudaram-se do Nordeste cedo para São Paulo para terem mais condições de trabalho e ambos não haviam concluído o antigo primário. Sabiam ler e escrever, mas não tinham o hábito e nem condições para os estudos. O que passavam para os filhos era de que precisavam dedicar-se aos estudos para não ter que fazer faxina na casa dos outros.

Em sua pequena casa de aluguel, Priscila ajeitou-se em sua cama e em seu caderno começou a rascunhar algumas frases. Escrevia e apagava. Os restos de borracha marcavam a folha do caderno demonstrando indecisão no que poderia ser escrito. Priscila queria muito ganhar aquela caixa de bombom, então precisava escrever algo que despertasse a atenção dos jurados, no caso, em primeiro lugar a professora para selecionar os três melhores e depois os seus próprios colegas.

Após muito pensar, uma história foi sendo construída em sua mente e as palavras foram se amontoando em seu caderno. Quando viu, um texto havia ganhado forma, e Priscila orgulhou-se, pois foi a primeira narrativa que tinha feito e percebeu que gostou muito de colocar suas ideias no papel.

Dias depois da entrega das redações, a professora Kátia comunicou aos alunos que as correções foram finalizadas e que os três melhores textos foram escolhidos, sendo revelados e lidos na próxima aula.

Na aula seguinte, a turma estava eufórica para saber quem levaria a caixa de bombom para casa. Naquela época, uma caixa de bombom era de grande valia, principalmente para alunos de escola pública. Priscila pegou o seu caderno e resolveu escrever o cabeçalho para ver se conseguiria diminuir sua ansiedade enquanto aguardava para saber o nome dos finalistas.

A professora fez então o anúncio e revelou que os três textos eram de Priscila, da Carolina, que era uma aluna grávida na adolescência e de Diógenes, um aluno muito aplicado que tirava as melhores notas, inclusive em matemática. Após a revelação, alguns alunos questionaram sobre o texto de Carolina estar entre os finalistas e até pensaram ser solidariedade da professora com a gravidez precoce. A professora disse que pediu para que seu filho cobrisse os nomes das redações com papel colorido e fita crepe para que quando ela lesse, fosse o mais imparcial possível, e assim, os alunos compreenderam.

Ao final das três leituras, foi montado um quadro na lousa para que começasse a votação do texto vencedor. Carolina começou

recebendo os primeiros votos, depois Priscila, depois Diógenes. Logo, a disputa foi ficando entre Diógenes e Priscila e pouco depois, o texto de Priscila havia disparado e ela mal podia acreditar que algo que fez estivesse sendo escolhido e a tão desejada caixa de bombom estava cada vez mais próxima. Era real, a redação de Priscila finalmente foi a mais votada e ela estava incrédula por ter ganhado do melhor aluno da sala toda.

Ao receber o prêmio das mãos de sua professora, conseguiu ouvir dos colegas que o texto era muito emocionante e que tinha sido bem escrito. Priscila não era popular, então ouvir esse reconhecimento foi muito importante para si mesma. Não via a hora de chegar em casa e poder compartilhar a feliz novidade e a caixa de bombom com sua família.

Com o toque do sinal avisando que a aula terminara, professora Kátia se aproximou de Priscila que ouviu:

- Não pare nunca de escrever. Vejo o quão esforçada você é e o quanto pude ver pela sua escrita a criatividade e dedicação. Treine sempre, pois acredito muito no seu potencial.

Priscila sorriu, e com a caixa de bombom dentro de sua mochila, sentia-se orgulhosa por ter conseguido ganhar o prêmio e por ouvir elogios vindos dos colegas e de sua professora.

Sentando-se em sua cama após contar a novidade para a família e ter repartido os bombons, repousou as costas no travesseiro e abrindo um chocolate, sentiu ali que aquele era apenas o começo de uma trajetória que poderia trilhar. Aquela caixa de bombom trouxe a doçura de poder sonhar e realizar através dos devaneios e palavras que despontavam em sua imaginação.

A FILHA DO PATRÃO

Artur de Azevedo

Nasceu em São Luís do Maranhão, no dia 7 de julho de 1855. Com 13 anos de idade, Artur Azevedo deixou de estudar para trabalhar no comércio. Com 15 anos, já era autor de teatro. Trabalhou no jornal O País e na Secretaria do Governo da Província. Em 1875 saiu de São Luís para morar no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, onde atuou como professor, funcionário público e jornalista. Apesar de escrever contos e poemas, ele ficou mais conhecido como dramaturgo. Em seus textos, o escritor mostrava o cotidiano carioca e defendia a abolição da escravidão. Azevedo ficou bastante conhecido como popular autor de teatro. Em 1879, passou a dirigir a Revista do Teatro. O dramaturgo faleceu em 22 de outubro de 1908, no Rio de Janeiro.

O Comendador Ferreira esteve quase a agarrá-lo pelas orelhas e atirá-lo pela escada abaixo com um pontapé bem aplicado. Pois não! um biltre, um farroupilha, um pobre diabo sem eira nem beira, nem ramo de figueira, atrever-se a pedir-lhe a menina em casamento! Era o que faltava! que ele tivesse durante tantos anos a ajuntar dinheiro para encher os bolsos a um valdevinos daquela espécie, dando-lhe a filha ainda por cima, a filha, que era a rapariga mais bonita e mais bem educada de toda a Rua de São Clemente! Boas!

O Comendador Ferreira limitou-se a dar-lhe uma resposta seca e decisiva, um “Não, meu caro senhor”, capaz de desanimar o namorado mais decidido ao emprego de todas as astúcias do coração.

O pobre rapaz saiu atordoado, como se realmente houvesse apanhado o puxão de orelhas e o pontapé, que felizmente não

passaram de tímido projeto.

Na rua, sentindo-se ao ar livre, cobrou ânimo e disse aos seus botões: — Pois há de ser minha, custe o que custar! — Voltou-se, e viu numa janela Adosinda, a filha do Comendador, que desesperadamente lhe fazia com a cabeça sinais interrogativos. Ele estalou nos dentes a unha do polegar, que muito claramente queria dizer: — Babau! — e, como eram apenas onze horas, foi dali direitinho espairar no Derby-Club. Era domingo e havia corridas.

O Comendador Ferreira, mal o rapaz desceu a escada, foi para o quarto da filha, e surpreendeu-a a fazer os tais sinais interrogativos. Dizer que ela não apanhou o puxão de orelhas destinado ao moço, seria faltar à verdade que devo aos pacientes leitores, apanhou-a, coitadinha e naturalmente, a julgar pelo grito estrídulo que deu, exagerou a dor física produzida por aquela grosseira manifestação de cólera paterna. Seguiu-se um diálogo terrível:

— Quem é aquele pelintra?

— Chama-se Borges.

— De onde o conhece você?

— Do Clube Guanabarenses... daquela noite em que papai me levou...

— Ele em que se emprega? que faz ele?...

— Faz versos.

— E você não tem vergonha de gostar de um homem que faz versos?

— Não tenho culpa; culpado é o meu coração.

— Este vagabundo algum dia lhe escreveu?

— Escreveu-me uma carta.

- Quem a trouxe?
- Ninguém. Ele mesmo atirou-a com uma pedra, por esta janela.
- Que lhe dizia ele nesta carta?
- Nada que me ofendesse; queria a minha autorização para pedir-me em casamento.
- Onde está ela?
- Ela quem?
- A carta.

Adosinda, sem dizer uma palavra, tirou a carta do seio. O Comendador abriu-a, leu-a, e guardou-a no bolso.

Depois continuou:

- Você respondeu a isso? A moça gaguejou.
- Não minta!
- Respondi, sim senhor.
- Em que termos?
- Respondi que sim, que me pedisse.
- Pois olhe: proíbo-lhe, percebe? proíbo-lhe que de hoje em diante dê trela a esse peralvilho! Se me constar que ele anda a rondar-me a casa, ou que se corresponde com você, mando desancar-lhe os ossos pelo Benvindo (Benvindo era o cozinheiro do Comendador Ferreira), e a você, minha sirigaita... a você... Não lhe diga nada!...

II

Três dias depois desse diálogo, Adosinda fugiu de casa em companhia do seu Borges, e o rapto foi auxiliado pelo próprio Benvindo, com quem o namorado dividiu um dinheiro ganho nas corridas do Derby. Até hoje ignora o Comendador que o seu fiel cozinheiro contribuisse para tão lastimoso incidente.

O pai ficou possesso, mão não fez escândalo, não foi à polícia, não disse nada nem mesmo aos amigos íntimos; não se queixou, não desabafou, não deixou transparecer o seu profundo desgosto.

E teve razão, porque, passados quatro dias, Adosinda e o Borges, vinham, à noite, ajoelhar-se aos seus pés e pedir-lhe a bênção, como nos dramalhões sentimentais.

III

Para que o conto acabasse a contento da maioria dos meus leitores, o Comendador Ferreira deveria perdoar aos dois namorados, e tratar de casá-los sem perda de tempo; mas infelizmente as coisas não se passaram assim, e a moral, como vão ver, foi sacrificada ao egoísmo.

Com a resolução de quem longamente se preparara para o que desse e viesse, o Comendador tirou do bolso um revólver e apontou-o contra o raptor de sua filha, vociferando:

— Seu biltre, ponha-se imediatamente no olho da rua, se não quer que lhe faça saltar os miolos!...

A esse argumento intempestivo e concludente, o namorado, que tinha muito amor à pele, fugiu como se o arrebatassem asas invisíveis.

O pai foi fechar a porta, guardou o revólver, e, aproximando-se de Adosinda, que, encostada ao piano, tremia, como varas verdes, abraçou-a, beijou-a com um carinho que nunca manifestara em ocasiões menos inoportunas.

A moça estava assombrada; esperava pelo menos a maldição paterna; era, desde pequenina, órfã de mãe, e habituara-se às brutalidades do pai; aquele beijo e aquele abraço encheram-na de confusão e pismo. O Comendador foi o primeiro a falar:

— Vês? disse ele, apontando para a porta: vês? O homem por quem abandonaste teu pai é um covarde, um miserável, que foge diante de um cano de um revólver! Não é um homem!...

— Isso ele é, murmurou Adosinda baixando os olhos, ao mesmo tempo que duas rosas lhe desfaziam a palidez do rosto.

O pai sentou-se no sofá. chamou a filha para perto de si, fê-la sentar-se nos seus joelhos, e, num tom de voz meigo e untuoso, pediu-lhe que esquecesse do homem que a raptara, um troca-tintas, um leguelhé que lhe queria o dote, e nada mais; pintou-lhe um futuro de vicissitudes e misérias, longe do pai que a desprezaria se semelhante casamento se realizasse, desse pai que tinha exterioridades de bruto, mas no fundo era o melhor, o mais carinhosos dos pais.

No fim da catequese, a moça parecia convencida de que nos braços de Borges não encontraria realmente toda a felicidade possível; mas...

— Mas agora... é tarde, balbuciou ela; e voltaram-lhe à face as purpurinas rosas de ainda há pouco.

— Não; não é tarde, disse o Comendador; conheces o Manoel, o meu primeiro caixeiro do armazém?

— Conheço: é um enjoado.

— Qual, enjoado! É um rapaz de muito futuro no comércio, um homem de conta, peso e medida! Não descobriu a pólvora, não faz versos, não é janota, mas tem um tino para o negócio, uma perspicácia que o levará longe, hás de ver!

E durante um quarto de hora o Comendador Ferreira gabou as excelências do seu caixeiro Manoel. Adosinda ficou convencida.

A conferência terminou por estas palavras:

- Falo-lhe?
- Fale, papai.

IV

No dia seguinte o Comendador chamou o caixeiro ao escritório, e disse-lhe:

- Seu Manoel, estou muito contente com os seus serviços.
- Oh! patrão!
- Você é um empregado zeloso, ativo e morigerado; é o modelo dos empregados.
- Oh! patrão!
- Não sou ingrato. Do dia primeiro em diante você é interessado na minha casa: dou-lhe cinco por cento além do ordenado.
- Oh! patrão! isso não faz um pai ao filho!...
- Ainda não é tudo. Quero que você se case com a minha filha. Doto-a com cinquenta contos.
- Mas eu sou um homem sério, continuou o patrão; a minha lealdade obriga-me a confessar-lhe que minha filha... não é virgem. O noivo espalmou as mãos, inclinou a cabeça para a esquerda, baixou as pálpebras, ajustou os lábios em bico, e, respondeu com um sorriso resignado e humilde:
- Oh! patrão! ainda mesmo que fosse, não fazia mal.



O ESQUELETO

Aluísio Azevedo

Foi o principal autor da vertente naturalista no Brasil e o primeiro escritor a viver de literatura no país. Exímio retratista de tipos sociais, escreveu inúmeras obras, entre romances, contos, crônicas e peças teatrais, além de ter sido desenhista e caricaturista.

Sua produção literária concentra-se entre os anos de 1882 e 1895, aproximadamente, com destaque para o célebre romance O cortiço, leitura obrigatória para ingresso em diversas universidades brasileiras, bem como para a compreensão das estruturas sociais cariocas, no final do século XIX, pautadas na exploração econômica e na perpetuação das desigualdades."

Mistério da Casa de Bragança

A NOITE NA TAVERNA

Era por uma triste noite chuvosa, dessas que faz bem gozar quando a gente esta em casa. Lá fora, na rua do Piolho, a chuva argamassava a lama ao ritmo plangente de uma melopeia de cativo. E o vento vinha por ela assoviando, como por um funil, para desembocar imprecativamente no campo da Alampadosa. Dentro, na célebre tasca do Trancoso, a luz tremia vagarosamente nos grandes candieiros de azeite de peixe. Dava um lúgubre aspecto aquele antro de terra batida para chão, e de paredes escalavradas onde a gaiatice dos fregueses gostava de pintar obscenidades e onde se fazia a carvão a conta complicada dos pichéis.

Fantástico, por detrás do balcão envernizado como um cabo de enxada, o Trancoso erguia o busto na plenitude atlética de seu

tórax. Era a grande cabeça barbuda e gadanhenta e, por debaixo da blusa felpuda de vasconço, o peito largo e forte a oscilar numa tempestade de respirações troando muitas vezes o grito estentórico dos apelativos brutais. E, para além na vastidão escura do aposento, por meio dos altos e bojudos tonéis cheios de cartaxo e de aguardente de cana, estavam as pequenas mesas de pau carunchoso, rodeadas de mochos baixos em rodela de madeira sobre três espeques.

Naquela hora trega da noite, retardavam-se entretanto os fregueses a pretexto de que vinham cansados da procissão ao outeiro da Glória, e de que a chuva vergastava lá fora a quem tinha a audácia de sair. O Trancoso amuava-se, posto que lhe fossem emborcando as bebidas e o cobre lhe caísse pela gaveta adentro com um grande retinir metálico de chocalhar de guizos.

Já fora para ele o tempo dos primeiros açodamentos em juntar os patações. As moedas de ouro contavam-se aos centos na velha arca escondida debaixo do nauseabundo catre onde dormia. Muito criança ainda, viera de além-mares para essas terras do Brasil, onde o ouro boiava à tona das enxurradas. E, em vez das longas empresas viajantes pelo sertão adentro, preferira o sossego das bodegas onde o dinheiro vinha ter pela lógica fatal das bebedeiras. Agora, diziam-no rico, senhor de bastantes haveres e traficante até das galeras que iam buscar o negro ao vasto deserto branco das plagas africanas.

Enriquecera principalmente depois da chegada de d. João VI, quando a real comitiva de fidalgos se derramara pela velha cidade de Mem de Sá, com uma enorme praga de orgias e depredações.

Fazia-se modesto, rindo com bom sorriso galhofeiro, quando alguém alevantava o valor de suas fazendas. Dizia que não! que mais luzia do que havia!

Mas não andava disposto para as longas vigílias da taverna no serviço de borrachos retardados. E, naquela noite, já por três vezes tentara despedir a freguesia. Os fregueses bebiam, monossílabos raros e sonolentos ouviam-se apenas de espaço a espaço. E o barulho contínuo da água, regular e metódico na tristeza da noite.

O Trancoso principiava a cochilar, quando a porta se abriu de repente: uma lufada sacudiu violentamente os velhos candieiros, que rangeram nas correntes de ferro. E leve, rápido como o vento que o trouxera, d. Álvaro Bias saltou no meio da sala, gotejante como uma biqueira de telhado.

Saltou, parou, e mirou-se. No chão, em roda dos sapatos puídos de d. Bias, formou-se logo uma poça d'água. D. Bias, magro e esgaldado, no velho gibão de veludo sem pelo, parecia um guarda-chuva fechado, depois de um aguaceiro formidável.

D. Bias, fidalgo espanhol da mais pura linhagem, perseguido pelos credores e pelos alguazis em todas as bodegas das margens dos Mansanares, pulou um dia a fronteira e foi tentar a vida em Portugal. Não houve serão de convento que não procurasse - em vão! - saciar-lhe a fome secular: o primeiro avô conhecido de d. Bias era tenente de Cid Campeador, e entrava em combate com um alforje às costas, carregado de olla podrida. A família de d. Bias não era uma família: era a arvore genealógica da fome.

Em Portugal, d. Bias comeu, d. Bias bebeu. Com esses predicados, ganhou as boas graças de d. João VI, que em 1808 o trouxe com sua corte para o Brasil.

Este D. Bias, segundo reza a crônica, logo que chegou de Lisboa, foi morar na rua do Lavradio, na casa hoje n o 40, pertencente a Antônio José Viana, à razão de 8\$ por mês, cujo aluguel nunca pagou. E tais tratantices fez, combinado com o desembargador - ouvidor Francisco Alves de Andrade, que se ficou com o prédio e terrenos.

O mesmo praticou com o carpinteiro Custódio Pinto de Oliveira, que lhe não querendo vender dous lotes de terrenos contíguos e que fazem face com a rua, de acordo com a mulher deste Custódio, formou-lhe culpa de mancebia e meteu-o na cadeia em princípio do ano de 1811. D. Bias se ficou com a mulher e a filha de Custódio, e na posse dos bens deste depois do desquite.

Custódio, sem sua mulher e filha, e seus bens, foi viver do jornal que lhe dava o célebre escultor Ângelo Palligrini, por alcunha o Satanás.

O Trancoso rosou uma praga, quando o fidalgo lhe apareceu. Mas d. Bias enganchou-se num banco. E, uma vez servido, pôs-se a beber fidalgamente a sua zurrapa, levantando os braços para não emporcalhar na mesa os seus manguitos sujos. A sala recaiu no silêncio. A água continuou a bater, os fregueses continuaram a beber; o Trancoso continuou a cochilar, e d. Bias, esgotado o pichel, cravou dous olhos compridos e sôfregos no gordo chouriço que fulgurava no balcão.

- Traga outra medida, gritou a voz avinhada de um sujeitinho baixo e gordo, tão baixo que tinha as pernas a oscilar dependuradas do mocho, e tão gordo que parecia um tonel cuidadosamente suspenso do chão para não se estragar com a umidade.

O Trancoso remexeu os ombros num esgar sonolento de desprezo.

- Melhor fariam vocês todos em limpar-me a casa de suas borracheiras! disse. E, depois de uma pausa, acrescentou:

- Demais, por estas horas tardias da noite, eu não vendo mais fiado! Ponham dinheiro no balcão se querem a boa da pinga! Súcia de malandros que a polícia d'el-rei bem devia vir buscar para uma dormida na rua da Vala!

Um belo movimento de solidariedade fez-se então entre toda aquela gente que o Trancoso assim maltratava com o desplante dos homens fortes e enriquecidos pela canalha miúda dos pobretões de gibão esburacado.

E o Carniça - um mulato esguio e de maus bofes, que vivia de sovar os negros nas casas de família - saiu à frente das reclamações.

- Que assim não se tratava à gente séria! gritou esmurrando a mesa onde as garrafas e os copos dançaram.

- Ninguém se teme da polícia d'el-rei! fez d. Bias, fanfarrão, saltando para o meio da bodega com a mão nos copos da espada e um largo gesto arrogante.

- Qual el-rei, nem pera el-rei! vociferou o Carniça, pondo-se também de pé, muito avinhado e bêbado. - Nós aqui já estamos

fartos de aturar toda essa corja portuguesa! Eu cá não faço mistério para gritar: Viva o príncipe regente!

E gritou, com e feito, o grito revolucionário daquele tempo, num grande berreiro forte de convicção popular.

Os outros entreolharam-se, já desarmonizados em pensamento. A questão deslocara-se. Já não era a rusga de uns fregueses retardatários contra um dono de taverna que queria fechar a casa, e não fiava mais. A luz baça e fedorenta dos candieiros que rangiam nas correntes, ofegava agora o hálito quente das revoluções.

- Qual d. Pedro! Mandam as cortes. E ele há de partir para abater a cerviz de vocês outros, canalhas de brasileiros! rosnou o homem-pipa que dera origem à contenda.

Os fregueses dividiram-se em dous grupos. De um para outro voaram imediatamente os copos e as garrafas. E d. Bias, que se ficara no mesmo lugar, entre os contendores, levou o melhor do primeiro arremesso. Rolou até pelo chão quando o Carniça investiu manhoso para tomar-lhe a durindana. E lá do balcão, o Trancoso, abrindo uma larga e forte navalha catalã, veio para o meio do barulho numa neutralidade agressiva de quem queria pôr no olho da rua toda aquela comitiva brigalhona de ébrios esbodegados.

- Que fossem se haver lá para a lama do Piolho!

Nisto, veio de lá de fora um retinir de armas. Ouviu-se um grito de agonia, e mais outro, e mais outro ainda. Correram todos para a porta. Matava-se ali por perto.

E d. Bias, muito lambuzado de poeira e vinho no seu roupão de veludo sem pelo, ergueu-se e foi para o fundo da casa, aproveitando

a confusão do momento para esconder o chouriço por debaixo da camisa.

A porta, todos alongaram os olhos pela noite escura. A chuva estiara um pouco. Sem iluminação, a rua do Piolho desenhava indecisamente os seus perfis de casas baixas. E a alguma distância da taverna, via-se redemoinhar um grupo confuso de homens que se batiam. Mais alto que o tinir das espadas soavam as pragas dos combatentes.

Era positivo que um dos combatentes se defendia de todos os outros, com uma coragem de leão.

Os fregueses do Trancoso ficaram sem movimento contemplando a luta. E Trancoso encolheu os ombros e voltou para seu posto no balcão, rosnando entre dentes que melhor que se matassem todos uns aos outros aqueles vagabundos que tiravam a espada por qualquer patifaria.

Os outros ficaram sem intervir. O Carniça entusiasmou-se: um dos combatentes acabava de cair varado por um bote do que se defendia. E o mulato, diante daquele espetáculo delicioso para seu temperamento de galo de briga, berrou, batendo palmas:

- Aí, bravo!

Os dous agressores perdiam terreno. A espada do desconhecido girava multiplicando os botes, e pondo-lhe diante do peito um muro de aço em que vinham bater inofensivas as armas dos outros dous. Mais um ferido. E o último rodou sobre os calcanhares, fugindo, seguido de perto pelo inimigo.

Nesse momento, d. Bias indignou-se da covardia em que estavam todos, vendo um bater-se com tantos. –

Caramba! não se dirá que um fidalgo de Espanha deixou de ir em auxílio de um fraco!

E abalou de durindana em punho para o lado em que o desconhecido perseguia o fugitivo. Mas o fidalgo viu a sua bravura sem proveito. O desconhecido já vinha de volta, e daí a pouco, quando entrou na tasca, o Trancoso, ao ver-lhe a fisionomia, acercou-se dele com um ar de respeito e carinho. Os fregueses cumprimentaram-no também. Sentou-se a um mocho, e atirando a espada ensanguentada sobre o balcão, ordenou ao taverneiro:

- Limpa isto e dá-me vinho!



TRAÇAS

Jaime Leibovitch

Ator de Teatro, Cinema e Televisão e Psicólogo. Iniciou sua carreira teatral na década de 1960, no Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional Estudantil (UNE), em Salvador, Bahia. Já radicado no Rio de Janeiro e tendo frequentado o Conservatório Nacional de Teatro da antiga FEFIERJ, lecionou vários anos com professor de Teatro e Artes nos colégios Pueri Domus, Liessin e Scholem Aleichem. Desde 2022 é Diretor Executivo da Leia Brasil.

Era uma verdadeira rebelião. Todos os personagens se recusavam a permanecer em seus respectivos livros se aquele estado de coisas persistisse por mais tempo.

Mme. Bovary, que detestava baratas, estava inconsolável. E D. Quixote dizia, para quem quisesse ouvir, que já chegara a hora de que se respeitasse os seus cabelos brancos e a sua saúde delicada. Afinal, onde já se viu um homem de sua idade ter que respirar aquele ar mofado de biblioteca? Com o quê a Bela Adormecida concordou, acrescentando que era impossível conciliar o sono em face das frequentes crises de espirro do senhor De La Mancha.

Era uma verdadeira rebelião. Todos os personagens se recusavam a permanecer em seus respectivos livros se aquele estado de coisas persistisse por mais tempo.

Mme. Bovary, que detestava baratas, estava inconsolável. E D. Quixote dizia, para quem quisesse ouvir, que já chegara a hora de que se respeitasse os seus cabelos brancos e a sua saúde delicada. Afinal, onde já se viu um homem de sua idade ter que respirar

aquele ar mofado de biblioteca? Com o quê a Bela Adormecida concordou, acrescentando que era impossível conciliar o sono em face das frequentes crises de espirro do senhor De La Mancha.

Onde foi isso?

Ora, já disse, foi no salão da biblioteca. Era meia-noite e todos os habitantes da casa dormiam, quando os personagens começaram a deixar os livros. Os mais aventureiros e fortes, como Sansão, Hércules e o Barão de Munchausen ajudavam os mais fracos a descer das estantes que recobriam totalmente as quatro paredes do grande salão. Foi uma operação complexíssima, só comparável à travessia do Mar Vermelho (embora Moisés, nesse dia, se recusasse a colaborar. Além do mau humor habitual, dizia que não iria desobedecer àquilo que considerava um desígnio divino. Só aceitava participar da conspiração, se recebesse ordens expressas do Senhor).

Mas não foi só ele quem amarelou, não. Outros também o fizeram. Trotsky dizia que não havia condições objetivas de luta, ao mesmo tempo em que desconfiava do caráter de classe daquele movimento. Afinal, a julgar pela composição daquela massa que descia estantes abaixo, havia mais reis, príncipes e princesas do que representantes legítimos da classe obreira. E Átila, o Rei dos Hunos, achava tudo aquilo uma grande frescura.

É claro, um homem forjado na luta contra os romanos, acostumado a enfrentar as mais terríveis intempéries à frente de uma legião de trogloditas, não ia se importar de dormir entre traças e acordar coberto de poeira, concorda?

Enfim, o curioso é que, na medida mesmo em que os grandes

líderes se recusavam a abraçar a causa, um personagem absolutamente improvável tomou as rédeas da rebelião: Serafim Ponte Grande.

Não me olhe com essa cara de espanto! Serafim Ponte Grande, sim senhor. E movido por interesses absolutamente pessoais e, por extensão, lúbricos, como você pode imaginar. Aconteceu o seguinte: assim como quem erra o caminho de casa, Serafim pretendia, terminada a grande assembleia, instalar-se definitivamente no libreto da Dama das Camélias, mulher por quem tinha, digamos assim, um tesão especial.

Então, há que se fazer justiça à sensibilidade política das lideranças tradicionais.

Uma revolução comandada por Serafim Ponte Grande, francamente...

Enfim, foi assim que o grande salão ficou abarrotado de personagens os mais diversos e curiosos. E não fosse o clima de indignação reinante, poder-se-ia dizer que ali estava para acontecer um grande baile a fantasia.

Imagine Sócrates, Macunaíma, Os Três Mosqueteiros, Richelieu, Édipo, Antígona, A Moreninha, Iaiá Garcia, Branca de Neve! Ia ser um baile e tanto!!!

Quando todos se acomodaram, Serafim tomou a palavra e disse: "Excelentíssimas damas e excelentíssimos cavalheiros. Tive a honra de ser designado pela imensa maioria desta assembleia para conduzi-los a um futuro mais digno do que tem sido o presente de todos nós..." .

Ao que o Gato de Botas retrucou: "Gostaria de lembrar ao senhor presidente desta eque ela é constituída, em grande parte, por bichos de várias espécies, pelo que acho que o senhor deveria se dirigir a todos, indistintamente, e não apenas às damas e cavalheiros aqui presentes".

Serafim não esperava ser admoestado dessa maneira, logo no início do seu discurso. Olhou de soslaio para a Dama das Camélias, que sorria divertida com a intervenção do Gato. Os olhos de Serafim fuzilaram o bichano e, de pronto, reconheceram-no como um rival em potencial na admiração da Dama. E com o intuito de colocar o Gato, definitivamente, em seu devido lugar, foi duro e irônico na resposta:

"Já passa da meia noite, meus amigos, hora em que todas as crianças deveriam estar dormindo. Convém que os personagens de histórias infantis não se envolvam em assuntos de gente grande, até porque o lugar reservado nas estantes para tais historinhas é irrisório em relação ao espaço que nós outros ocupamos."

E ia continuar sua falação, quando, do fundo da sala, ouviu-se um burburinho que, pouco a pouco, foi se transformando numa grande algazarra. Eram os bichos de George Orwell que, juntamente com os das fábulas de Esopo e La Fontaine, protestavam contra a clara intenção do presidente de colocar todos os bichos na categoria de personagens de histórias infantis. E bradavam, em uníssonos, que "bicho também é gente!" e coisas que tais. Houve, então, um tumulto generalizado, que terminou numa grande pancadaria. Os homens digladiavam com os bichos, enquanto as mulheres gritavam e desmaiavam. Foi uma zorra, uma grande zorra!!

E Serafim Ponte Grande, o que fez?

Bem, Serafim se esgueirou pelo salão à procura da Dama das Camélias. Quando a encontrou, tomou-a pela mão e se ofereceu para levá-la ao seu libreto. Ela, assustada como estava, nem desconfiou das intenções melífluas do senhor presidente. Deixou-se levar por ele e, assim, alcançaram a terceira prateleira.

Então, tanto melhor para ele, não é mesmo? E a briga no salão, como é que acabou?

Bem, depois de muito feridos e extenuados, e já mais ou menos conscientes da manipulação de que foram vítimas por parte de quem os liderou, os brigões resolveram fazer uma trégua e voltar para seus livros de origem. Uma nova operação de retorno foi encetada, desta vez em condições bastante precárias, como você mesmo pode imaginar.

Sim, imagino. Deve ter sido uma volta melancólica e triste. A própria marcha dos derrotados.

Mas o pior ainda estava por vir, meu caro!

O pior?

Sim, o pior. Os livros, todos encadernados e da mesma cor, dificultavam o reconhecimento por parte dos personagens. Tanto mais que, como eu já disse, a biblioteca estava em péssimas condições de tratamento, ou seja, mesmo os títulos em letras douradas que encimavam cada um deles, eram completamente ilegíveis. Quando se deram conta disto, os pobres rebeldes foram tomados de verdadeiro pânico. Passaram o resto da madrugada correndo pelas prateleiras da biblioteca à procura de suas

respectivas histórias, mas em vão. De manhã, já exaustos e relativamente conformados com a sua triste sina, todos não hesitaram em adentrar qualquer livro que fosse, em busca de um lugar para viver.

Deus do céu, mas isso é uma verdadeira tragédia literária! Imagine, a meiga Branca de Neve em alto mar, à caça de Moby Dick!! E os judeus do Exodus abrigados em Mein Kampf!!! E Pangloss, imagine, encerrado em Luto e Melancolia!!!

Um horror, meu amigo, um horror! Ainda mais que, por um processo de facilitação ainda não explicado pela ciência, esta desarrumação afetou todos os livros de todas as bibliotecas do mundo. O que quer significar, pura e simplesmente, que a grande maioria dos enredos criados pela humanidade precisou ser reescrita. Já imaginou? Ter que reescrever toda a História da Literatura Mundial?!

É verdade. E quanto ao Serafim Ponte Grande, o que foi feito dele?

Ah, este, meu caro, este se deu muito bem. Foi parar num livro de História da Arte, num capítulo dedicado a Gauguin. E sempre acompanhado de sua Dama, evidentemente. Esta, dado o clima generoso do Tahiti, recuperou peso, ganhou novas cores e livrou-se, para sempre, da tuberculose. Viveram, então, ali, pelo resto de suas vidas, a correr pelas praias paradisíacas, a se alimentar de frutas exóticas, banhados pelo sol e cercados pela generosidade do pintor e de suas belas mulheres.

Benza-os Deus!

Ou a parcialidade dele, né?

Como assim?

Às vezes fico pensando: qual seria o critério de Deus na eleição de seus prediletos?



SOLFIERI

Alvares de Azevedo

*Manuel Antônio Álvares de Azevedo nasceu em 12 de setembro de 1831, em São Paulo. Ele estudou no colégio interno Pedro II, no Rio de Janeiro, e iniciou a faculdade de Direito em São Paulo. Entretanto, não terminou o curso, pois faleceu em 25 de abril de 1852. O poeta faz parte da segunda fase do romantismo brasileiro, também chamada de ultrarromantismo. Portanto, seus textos apresentam exagero sentimental, idealização amorosa, pessimismo e morbidez. As obras do autor, como o livro *Lira dos vinte anos*, foram publicadas após a sua morte.*

...Yet one kiss on your pale clay
And those lips once so warm - my heart! My heart.

Byron, Cain..

Sabeis-lo. Roma é a cidade do fanatismo e da perdição: na alcova do sacerdote dorme a gosto a amásia; no leito da vendida se pendura o crucifixo lívido. É um requintar de gozo blasfemo que mescla o sacrilégio à convulsão do amor, o beijo lascivo à embriaguez da crença

Era em Roma. Uma noite, a lua ia bela como vai ela no verão por aquele céu morno. O fresco das águas se exalava como um suspiro do leito do Tibre. A noite ia bela. Eu passeava a sós pela ponte de ***. As luzes se apagaram uma por uma nos palácios, as ruas se faziam ermas e a lua de sonolenta, se escondia no leito das nuvens. Uma sombra de mulher apareceu numa janela solitária e escura. Era uma forma branca. - A face daquela mulher era como de uma

estátua pálida à lua. Pelas faces dela, como gotas de uma taça caída, rolavam fios de lágrimas.

Eu me encostei à aresta de um palácio. A visão desapareceu no escuro da janela... e daí um canto se derramava. Não era só uma voz melodiosa: havia naquele cantar um como choro de frenesi, um como gemer de insânia: aquela voz era sombria como a do vento à noite nos cemitérios cantando a nênia das flores murchas da morte.

Depois, o canto calou-se. A mulher apareceu na porta. Parecia espreitar se havia alguém nas ruas. Não viu ninguém: saiu. Eu segui-a.

A noite ia cada vez mais alta: a lua sumira-se no céu e a chuva caía às gotas pesadas: apenas eu sentia nas faces caírem grossas lágrimas de água, como sobre um túmulo prantos do órfão.

Andamos longo tempo pelo labirinto das ruas: enfim, ela parou; estávamos num campo.

Aqui, ali, além, eram cruzes que se erguiam entre o ervaçal. Ela ajoelhou-se. Parecia soluçar: em torno dela passavam as aves da noite.

Não sei se adormeci: sei, apenas, que quando amanheceu achei-me a sós no cemitério. Contudo, a criatura pálida não fora uma ilusão: as urzes, as cicutas do campo-santo estavam quebradas junto a uma cruz.

O frio da noite, aquele sono dormido à chuva, causaram-me uma febre. No meu delírio passava e repassava aquela brancura de mulher, gemiam aqueles soluços e todo aquele devaneio se perdia num canto suavíssimo...

Um ano depois voltei a Roma. Nos beijos das mulheres, nada me saciava; no sono da saciedade me vinha aquela visão...

Uma noite e após uma orgia, eu deixara dormida no leito a bela condessa Barbora. Dei um último olhar àquela forma nua e adormecida com a febre nas faces e a lascívia nos lábios úmidos, gemendo ainda nos sonhos como na agonia voluptuosa do amor. Saí. Não sei se a noite era límpida ou negra; sei apenas que a cabeça me escaldava de embriaguez. As taças tinham ficado vazias na mesa: aos lábios daquela criatura eu bebera até à última gota do vinho do leite...

Quando dei acordo de mim, estava num lugar escuro: as estrelas passavam seus raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro círios batiam num caixão entreaberto. Abri-o. Era o de uma moça. Aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na frente dela, naquela tez lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados... Era uma defunta! E aqueles traços todos me lembraram uma ideia perdida... Era o anjo do cemitério! Cerrei as portas da igreja que, ignoro porque, eu achara abertas. Tomei o cadáver nos meus braços para fora do caixão. Pesava como chumbo...

Sabeis a história de Maria Stuart degolada e do algoz, "do cadáver sem cabeça e do homem sem coração", como a conta Brantôme? - Foi uma ideia singular, a que eu tive. Tomei-a no colo. Preguei-lhe mil beijos nos lábios. Ela era bela assim. Rasguei-lhe o sudário, despi-lhe o véu e a capela, como o noivo os despe à noiva. Era mesmo uma estátua: tão branca era ela. A luz dos tocheiros dava-lhe aquela palidez de âmbar que lustra os mármore antigos. O

gozo foi fervoroso - cevei-lhe em perdição aquela vigília. A madrugada passava já frouxa nas janelas. Àquele calor de meu peito, à febre de meus lábios, à convulsão de meu amor, a donzela pálida parecia reanimar-se. Súbito, abriu os olhos empanados. Luz sombria alumiu-os como a de uma estrela entre névoa, apertou-me em seus braços, um suspiro ondeou-lhe nos beiços azulados... Não era já a morte: era um desmaio. No aperto daquele abraço havia, contudo, alguma coisa de horrível. O leito de lajes, onde eu passara uma hora de embriaguez, me resfriava. Pude, a custo, soltar-me naquele aperto do peito dela... Nesse instante, ela acordou...

Nunca ouvistes falar de catalepsia? É um pesadelo horrível aquele que gira ao acordado que emparedam num sepulcro; sonho gelado em que sentem-se os membros tolhidos e as faces banhadas de lágrimas alheias, sem poder revelar a vida!

A moça revivia a pouco e pouco. Ao acordar, desmaiara. Embucei-me na capa e tomei-a nos braços coberta com seu sudário, como uma criança. Ao aproximar-me da porta, topei num corpo. Abaixei-me e olhei: era algum coveiro do cemitério da igreja, que aí dormira de ébrio, esquecido de fechar a porta...

Saí. Ao passar a praça encontrei uma patrulha.

- Que levas aí?

A noite era muito alta: talvez me cresse um ladrão.

- É minha mulher, que vai desmaiada...

- Uma mulher? Mas, essa roupa branca e longa? Serás, acaso, roubador de cadáveres?

Um guarda aproximou-se. Tocou-lhe a fronte: era fria.

- É uma defunta

Cheguei meus lábios aos dela. Senti um bafejo morno. - Era a vida, ainda.

- Vede - disse eu.

O guarda chegou-lhe os lábios: os beiços ásperos roçaram pelos da moça. Se eu sentisse o estalar de um beijo... o punhal já estava nu em minhas mãos frias...

- Boa-noite, moço. Podes seguir - disse ele.

Caminhei. - Estava cansado. Custava a carregar o meu fardo e eu sentia que a moça ia despertar. Temeroso de que ouvissem-na gritar e acudissem, corri com mais esforço...

Quando eu passei a porta, ela acordou. O primeiro som que lhe saiu da boca foi um grito de medo...

Mal eu fechara a porta, bateram nela. Era um bando de libertinos, meus companheiros, que voltavam da orgia. Reclamaram que abrisse.

Fechei a moça no meu quarto e abri.

Meia hora depois eu os deixava na sala, bebendo ainda. A turvação da embriaguez fez que não notassem a minha ausência.

Quando entrei no quarto da moça, vi-a erguida. Ria de um rir convulso, como a insânia, e frio como a folha de uma espada. Trespassava de dor ouvi-la.

Dois dias e duas noites levou ela de febre, assim.

Não houve sanar-lhe aquele delírio, nem o rir do frenesi. Morreu depois de duas noites e dois dias de delírio.

À noite, saí. Fui ter com um estatuário que trabalhava perfeitamente em cera e paguei-lhe uma estátua dessa virgem.

Quando o escultor saiu, levantei os tijolos de mármore do meu quarto e, com as mãos, cavei aí um túmulo. Tomei-a, então, pela última vez nos braços, apertei-a a meu peito, muda e fria, beijei-a e cobri-a, adormecida no sono eterno, com o lençol de seu leito. Fechei-a no seu túmulo e estendi meu leito sobre ele,

Um ano, - noite a noite - dormi sobre as lajes que a cobriam... Um dia, o estatuário me trouxe a sua obra. Paguei-lha e paguei o segredo...

- Não te lembras, Bertram, de uma forma branca de mulher que entreviste pelo véu do meu cortinado? Não te lembras que eu te disse que era uma virgem que dormia?

- E quem era essa mulher, Solfieri?

- Quem era? Seu nome?

- Quem se importa com uma palavra quando sente

que o vinho queima assaz os lábios? Quem pergunta o nome da prostituta com quem dormiu e sentiu morrer a seus beijos, quando nem há dele mister por escrever-lhe na lousa?

Solfieri encheu uma taça e bebeu-a. Ia erguer-se da mesa, quando um dos convivas tomou-o pelo braço.

- Solfieri, não é um conto, isso tudo?

- Pelo inferno, que não! Por meu pai, que era conde e bandido! Por minha mãe que era a bela Messalina das ruas! Pela perdição que não! Desde que eu próprio calquei aquela mulher com meus pés na sua cova de terra, eu vo-lo juro! - guardei-lhe como amuleto a capela de defunta. Ei-la!

Abriu a camisa e viram-lhe ao pescoço uma grinalda de flores mirradas.

- Vedes-la? Murcha e seca, como o crânio dela.



DECOTES DE QUINZE ANOS

Raul Pompéia

Escritor brasileiro, (1863-1895). Quando criança foi mandado pelos pais para um colégio interno, fato que marcou a vida do autor. Em 1880, publicou seu primeiro livro — Uma tragédia no Amazonas. No ano seguinte, ingressou na Faculdade de Direito, em São Paulo, e, ao ser reprovado, decidiu terminar o curso em Recife. De volta ao Rio de Janeiro o romancista, abolicionista e republicano atuou como jornalista. No entanto, em razão de sua admiração exagerada pelo presidente e ditador Floriano Peixoto (1839-1895), ficou politicamente isolado. Situação que, possivelmente, levou-o a cometer suicídio em 25 de dezembro de 1895. Uma de suas obras acabou sendo consagrada pela crítica, O Ateneu, de 1888, na qual o autor, considerado simbolista ou impressionista por alguns, mas reconhecido como naturalista, expressa sua visão objetiva e determinista da realidade brasileira.

Curiosa coincidência, pensava Otília, debruçando-se à janela com a carta que lhe escrevera a prima, curiosa coincidência, aquela carta e aquela situação!

Do outro lado da rua em frente, erguia-se em grande prédio de dois andares. Na última janela do segundo andar, à direita, lá estava ele, o impertinente vizinho, que não lhe tirava os olhos de cima, uns vivos olhos vorazes de meter medo.

Com ela, com a sisuda Otília aquele rapaz perdia o seu tempo.

Mas era interessante a coincidência... Ela e aquele sujeitinho ali... e o assunto da carta, da terrível carta!...

Sob a fuzilada de olhares que lhe chegavam da última janela à direita do 2.o andar fronteiro, a mocinha tornou a ler.

"... Nada conheces, na tua idade de inexperiência e de surpresas.

Sou do número das trintonas de Balzac, um escritor que ainda não leste, entendido nos mistérios da alma feminina, sou do número das educadas do amor, mulheres de curso completo na ciência do coração.

Mas já tive a tua idade, os deliciosos quatorze ou quinze anos de criança, quando o sexo nos revela apenas pela prevenção desconfiada do pudor, essa tolice adorável do sangue.

Amanhã, muito breve, saberás o que valem as flores de fogo que às vezes te abrasam o lindo rosto. Então na hora do amor, compreenderás os vagos temores, indefinidos sustos que te assaltam, como um rebate, de extraordinárias cousas. O coração fugir-te-á do peito, a internar-se como um herói de balada, pela floresta das fantasias. Sonharás o eleito dos teus afetos.

Instintivamente entregar-te-ás à impaciente urdidura de quantas armadilhas imaginares para a caçada do ideal.

A propósito, conto-te uma historieta dos meus quinze anos. Uma lição que te dou de experiência galante.

Eu morava na rua dos Arcos, naquela casa assobradada, de seis janelas, onde hoje habita a família da R . C.

Enclausurada na rede de solicitude, com que nos cercava, a mim e às manas, meu pai, avaro dos seus tesouros (tesouros éramos nós) arredada severamente do comércio da sociedade, ardia-me o desejo curioso de uma aventura, fora do círculo conhecido dos carinhos domésticos.

Diante da nossa casa morava um moço moreno, esbelto... circunstância propícia! Um belo companheiro para a minha escapula.

Ser amada por um rapaz como esse, eu não queria mais! Um só olhar de amor que ele me dirigisse, arrebatá-me-ia às sonhadas viagens azuis.

Dezoito anos parecia ter; sobre os lábios começava a acentuar-se-lhe o desenho volteado de um futuro par de bigodes; grandes olhos negros, exprimindo mansidão, pupilas que se moviam devagar, oleosamente no corte das pálpebras.

De manhã, cedo, aparecia à janela do sótão que lhe servia de quarto e, com um copo-d'água, regava amorosamente o vergel de madressilvas que diante dele se espriavam pelo telhado até envolver as goteiras prolongadas sobre a rua em bocas de corneta.

Banhava as flores e as flores enviavam-me baforadas de doce perfume.

Mas só as madressilvas se apercebiam de mim. Cândido demais, ou demasiado altivo, o vizinho não me ligava importância.

Ora eu tinha veleidades de beleza; avalias o meu despeito.

Dizem que a melhor maneira de atrair o olhar é olhar. Eu olhava, olhava e perdia o esforço. Cheguei a supor que o inflexível moreno, já não era senhor do seu coração e caprichava em manter a lealdade dos seus compromissos.

Era para desesperar.

Felizmente, um dia, eu o surpreendi a observar-me.

Oh, júbilo! Mas era preciso cativar de uma vez aquele olhar que me podia fugir para sempre, esquivo como a ocasião. O demoninho dos quinze anos soprou-me um expediente. Devia ser aquele beijaflores que me passou pelo rosto zunindo.

O pudor é uma grande força.

Esse tesouro de graça saibam-no desprender as mulheres.

Loucas as que distribuem, cegamente, o seu patrimônio de rosas. Tolas as que o soterram no segredo desnaturado da inteira reserva, revelando-o quando muito às frias confidências de cristal do espelho.

Toda esta teoria endiabrada do decote ocorreu-me num segundo.

Na tua idade, eu adivinhava os homens!

Resolvi afrouxar o laço de vexame com que me estrangulava, nos vestidos afogados, prescritos por minha mãe.

Fingi que desdenhava o olhar do vizinho, voltando o rosto para outro lado. E atrevidamente soltei um... dois... três... botões da gola do meu princesa!

Ora, minha bela Otilia, dai a pouco, eu guardava no seio submisso, rendido o olhar rebelde do meu moreno; acolhia-o no tépido decote dos meus quinze anos, como um pombo no vinho, friorento, trêmulo.

Assim, no dia seguinte, e no outro e no outro...

E começaram a secar de ciúmes as madressilvas..."

Neste ponto, sem saber como, viu Otilia que um... dois... três botões do paletó branco, tal qual na história da prima, se lhe haviam desprendido.

Que horror!

E, sob a fuzilada de olhares da última janela do 2.o andar fronteiro, as abas de fustão, como grandes pétalas, abertas num desabrochar audacioso de magnólia, entremostravam colorações de carne virgem e fugitivas sombras, rendilhadas, ao fundo, por encantadora desordem de crivos claríssimos de camisa.



O GATO PRETO

Edgar Allan Poe

Edgar Allan Poe (1809-1849) foi um poeta, escritor, Autor do famoso poema O Corvo. Foi crítico literário e editor norte-americano. É considerado um dos mais importantes escritores do gênero de terror do mundo. Seus contos e poemas, permeados por situações misteriosas e fantasmagóricas, lembram em muito o estilo gótico, vertente do Romantismo caracterizada pela representação de situações ligadas à noite e à morte. Foi abandonado pelo pai alcoólatra - um inexpressivo ator - um ano após seu nascimento. Perdeu a mãe dois anos depois e foi criado por um rico comerciante, John Allan, que lhe deu o sobrenome. Esse pai adotivo, a fim de lhe proporcionar uma educação clássica, o enviou para a Europa, onde estudou, entre 1815 e 1820, em renomadas instituições de ensino na Escócia e na Inglaterra. Ao regressar aos Estados Unidos, iniciou os estudos na Universidade da Virgínia, porém envolveu-se com jogos e álcool, o que resultou, em 1827, no rompimento da relação com seu pai adotivo. Após esse insucesso, decidiu dedicar-se inteiramente à literatura, publicando contos em revistas. Além de poeta dedicou-se à teoria e à crítica literária, vindo a publicar, em 1846, a famosa obra Filosofia da Composição.

Para a muito estranha embora muito familiar narrativa que estou a escrever, não espero nem solicito crédito. Louco, em verdade, seria eu para esperá-lo, num caso em que meus próprios sentidos rejeitam seu próprio testemunho. Contudo, louco não sou e com toda a certeza não estou sonhando. Mas amanhã morrerei e hoje quero aliviar minha alma.

Meu imediato propósito é apresentar ao mundo, plena e sucintamente e sem comentário, uma série de simples acontecimentos domésticos. Pelas suas consequências, estes acontecimentos me aterrorizaram, me torturaram e me aniquilaram.

Entretanto, não tentarei explicá-los. Para mim, apenas se apresentam cheios de horror. Para muitos, parecerão menos terríveis do que grotescos. Mais tarde, talvez, alguma inteligência se encontre que reduza meu fantasma a um lugar comum, alguma inteligência mais calma, mais lógica e bem menos excitável do que a minha e que perceberá, nas circunstâncias que pormenorizo com terror, apenas a vulgar sucessão de causas e efeitos, bastante naturais.

Salientei-me, desde a infância, pela docilidade e humanidade de caráter. Minha ternura de coração era mesmo tão notável, que fazia de mim motivo de troça de meus companheiros. Gostava de modo especial de animais e meus pais permitiam que eu possuísse grande variedade de bichos favoritos. Gastava com eles a maior parte de meu tempo e nunca me sentia tão feliz como quando lhes dava comida e os acariciava. Esta particularidade de caráter aumentou com o meu crescimento e, na idade adulta, dela extraía uma de minhas principais fontes de prazer. Aqueles que têm dedicado afeição a um cão fiel e inteligente, pouca dificuldade tenho em explicar a natureza, ou a intensidade, da recompensa que daí deriva. Há qualquer coisa no amor sem egoísmo e abnegado de um animal, que atinge diretamente o coração de quem tem tido frequentes ocasiões de experimentar a amizade mesquinha e a fidelidade frágil do simples Homem.

Casei-me ainda moço e tive a felicidade de encontrar em minha mulher um caráter adequado ao meu. Observando minha predileção pelos animais domésticos, não perdia ela oportunidade de procurar os das espécies mais agradáveis. Tínhamos pássaros, peixes dourados, um lindo cão, coelhos, um macaquinho e um gato.

Este último era um belo animal, notavelmente grande, todo preto e de uma sagacidade de espantar. Ao falar da inteligência dele, minha mulher, que no íntimo não tinha nem um pouco de superstição, fazia frequentes alusões à antiga crença popular que olhava todos os gatos pretos como feiticeiras disfarçadas. Não que ela se mostrasse jamais séria a respeito desse ponto e eu só menciono isto, afinal, pelo simples fato de, justamente agora, ter-me vindo à lembrança.

Plutão - assim se chamava o gato - era o meu preferido e companheiro. Só eu lhe dava de comer e ele me acompanhava, por toda a parte da casa, por onde eu andasse. Era mesmo com dificuldade que eu conseguia impedi-lo de acompanhar-me pelas ruas. Nossa amizade durou, desta maneira, muitos anos, nos quais meu temperamento geral e meu caráter - graças à Diabólica Intemperança - tinha sofrido (coro de confessá-lo) radical alteração para pior. Tornava-me dia a dia mais taciturno, mais irritável, mais descuidoso dos sentimentos alheios. Permiti-me mesmo usar de uma linguagem brutal para com minha mulher. Você também pode gostar: Por fim, cheguei mesmo a usar de violência corporal. Meus bichos, sem dúvida, tiveram que sofrer essa mudança de meu caráter. Não somente descuidei-me deles, como os maltratava. Quanto a Plutão, porém, tinha para com ele, ainda, suficiente consideração que me impedia de maltratá-lo, ao passo que não tinha escrúpulos em maltratar os coelhos, o macaco ou mesmo o cachorro, quando, por acaso, ou por afeto, se atravessavam em meu caminho. Meu mal, contudo, aumentava, pois que outro mal se pode comparar ao do álcool? E, por fim, até mesmo Plutão, que estava agora ficando velho e, em consequência, um tanto

impertinente, até mesmo Plutão começou a experimentar os efeitos do meu mau temperamento.

Certa noite, de volta à casa, bastante embriagado, de uma das tascas dos subúrbios, supus que o gato evitava minha presença. Agarrei-o. Mas nisto, amedrontado com a minha violência, deu-me ele leve dentada na mão. Uma fúria diabólica apossou-se instantaneamente de mim. Cheguei a desconhecer-me. Parecia que minha alma original me havia abandonado de repente e uma maldade mais do que satânica, saturada de álcool, fazia vibrar todas as fibras de meu corpo. Tirei do bolso do sobretudo um canivete, abri-o, agarrei o pobre animal pela garganta e, deliberadamente, arranquei-lhe um dos olhos! Coro, abraço-me, estremeço ao narrar esta condenável atrocidade.

Quando, com a manhã, me voltou a razão, e, com o sono, se dissiparam os fumos da noite de orgia, experimentei uma sensação de horror, meio de remorso, pelo crime de que me tornara culpado. Mas era, quando muito, uma sensação fraca e equívoca e a alma permanecia insensível. De novo mergulhei em excessos e logo afoguei no vinho toda a lembrança do meu ato.

Enquanto isso, o gato, pouco a pouco, foi sarando. A órbita do olho arrancado tinha, é verdade, uma horrível aparência, mas ele parecia não sofrer mais nenhuma dor. Andava pela casa como de costume, mas, como era de esperar, fugia com extremo terror à minha aproximação. Restava-me ainda bastante de meu antigo coração para que me magoasse, a princípio, aquela evidente aversão por parte de uma criatura que tinha sido outrora tão amada por mim. Mas esse sentimento em breve deu lugar a irritação. E então

apareceu, como para minha queda final e irrevogável, o espírito de perversidade. Desse espírito não cuida a filosofia. Entretanto, tenho menos certeza da existência de minha alma do que de ser essa perversidade um dos impulsos primitivos do coração humano, uma das indivisíveis faculdades primárias, ou sentimentos, que dão direção ao caráter do homem. Quem não se viu centenas de vezes a cometer um ato vil ou estúpido sem outra razão senão a de saber que não devia cometê-lo? Não temos nós uma perpétua inclinação, apesar de nosso melhor bom-senso, para violar o que é a Lei, pelo simples fato de compreendermos que ela é a lei? O espírito da perversidade, repito, veio a causar minha derrocada final. Foi esse anelo insondável da alma, de torturar-se a si próprio, de violentar sua própria natureza, de praticar o mal pelo mal, que me levou a continuar e, por fim, a consumir a tortura, que já havia infligido ao inofensivo animal. Certa manhã, a sangue frio, enrolei um laço em seu pescoço e enforquei-o no ramo de uma árvore, enforquei-o com as lágrimas jorrando-me dos olhos e com o mais amargo remorso no coração. Enforquei-o porque sabia que ele me tinha amado e porque sentia que ele não me tinha dado razão para ofendê-lo. Enforquei-o porque, sabia que, assim fazendo, estava cometendo um pecado, um pecado mortal, que iria pôr em perigo a minha alma imortal, colocando-a - se tal coisa fosse possível - mesmo fora do alcance da infinita misericórdia do mais Misericordioso e mais Terrível Deus.

Na noite do dia em que pratiquei essa cruelíssima façanha, fui despertado do sono pelos gritos de fogo! As cortinas de minha cama estavam em chamas. A casa inteira ardia. Foi com grande dificuldade que minha mulher, uma criada e eu mesmo

conseguimos escapar ao incêndio. A destruição foi completa. Toda a minha fortuna foi travada, e entreguei-me desde então ao desespero. Não tenho a fraqueza de buscar estabelecer uma relação de causa e efeito, entre o desastre e a atrocidade, mas estou relatando um encadeamento de fatos e não desejo que nem mesmo um possível elo seja negligenciado. Visitei os escombros no dia seguinte ao incêndio. Todas as paredes tinham caído, exceto uma, e esta era a de um aposento interno, não muito grossa, que se situava mais ou menos no meio da casa e contra a qual permanecera a cabeceira de minha cama. O estuque havia, em grande parte, resistido ali à ação do fogo, fato que atribuí a ter sido ele recentemente colocado. Em torno dessa parede reuniu-se compacta multidão e muitas pessoas pareciam examinar certa parte especial dela, com uma atenção muito ávida e minuciosa. As palavras "estranho!", "singular" e expressões semelhantes excitaram minha curiosidade. Aproximei-me e vi, como se gravada em baixo-relevo, sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem fora reproduzida com uma nitidez verdadeiramente maravilhosa. Havia uma corda em redor do pescoço do animal.

Ao dar a princípio com essa aparição - pois não podia deixar de considerá-la senão isso - meu espanto e meu terror foram extremos. Mas, afinal, a reflexão veio em meu auxílio. O gato, lembrava-me, tinha sido enforcado num jardim, junto da casa. Ao alarmar de fogo, esse jardim se enchera imediatamente de povo e alguém devia ter cortado a corda, que prendia o animal à árvore e o lançara por uma janela aberta, dentro de meu quarto. Isto fora provavelmente feito com o propósito de despertar-me. A queda de outras paredes tinha comprimido a vítima de minha crueldade de encontro à massa

do estuque, colocado de pouco, cuja cal, com as chamas e o amoníaco do cadáver, traçara então a imagem, tal como a vi.

Embora assim prontamente procurasse satisfazer a minha razão, senão de todo a minha consciência, a respeito do surpreendente fato que acabo de narrar, nem por isso deixou ele de causar profunda impressão na minha imaginação. Durante meses eu não me pude libertar do fantasma do gato e, nesse período, voltava-me ao espírito um vago sentimento, que parecia remorso, mas não era. Cheguei a ponto de lamentar a perda do animal e de procurar, entre as tascas ordinárias que eu agora habitualmente frequentava, outro bicho da mesma espécie e de aparência um tanto semelhante, com que substituí-lo.

Certa noite, sentado, meio embrutecido, num antro mais que infame, minha atenção foi de súbito atraída para uma coisa preta que repousava em cima de um dos imensos barris de genebra ou de rum, que constituíam a principal mobília da sala. Estivera a olhar fixamente para o alto daquele barril, durante alguns minutos, e o que agora me causava surpresa era o fato de que não houvesse percebido mais cedo a tal coisa ali situada. Aproximei-me e toquei-a com a mão. Era um gato preto, um gato bem grande, tão grande como Plutão, e totalmente semelhante a ele, exceto em um ponto. Plutão não tinha pelos brancos em parte alguma do corpo, mas este gato tinha uma larga, embora imprecisa mancha branca, cobrindo quase toda a região do peito. Logo que o toquei, ele imediatamente se levantou, ronronou alto, esfregou-se contra minha mão e pareceu satisfeito com o meu carinho. Era, pois, aquela a criatura mesma que eu procurava.

Imediatamente tentei comprá-lo ao taverneiro, mas este disse que não lhe pertencia o animal, nada sabia a seu respeito e nunca o vira antes.

Continuei minhas carícias e, quando me preparei para voltar para casa, o animal deu mostras de querer acompanhar-me. Deixei que assim o fizesse, curvando-me, às vezes, e dando-lhe palmadinhas, enquanto seguia. Ao chegar à casa, ele imediatamente se familiarizou com ela e se tornou desde logo grande favorito de minha mulher.

De minha parte, depressa comecei a sentir despertar em mim antipatia contra ele. Isto era, precisamente, o reverso do que eu tinha previsto, mas - não sei como ou por que - sua evidente amizade por mim antes me desgostava e aborrecia. Lenta e gradativamente esses sentimentos de desgosto e aborrecimento se transformaram na amargura do ódio. Evitava o animal; certa sensação de vergonha e a lembrança de minha antiga crueldade impediam-me de maltratá-lo fisicamente. Durante algumas semanas abster-me de bater-lhe ou de usar contra ele de qualquer outra violência, mas gradualmente, bem gradualmente, passei a encará-lo com indizível aversão e a esquivar-me, silenciosamente, à sua odiosa presença, como a um hálito pestilento.

O que aumentou sem dúvida meu ódio pelo animal foi a descoberta, na manhã seguinte à em que o trouxera para casa, de que, como Plutão, fora também privado de um de seus olhos. Essa circunstância, porém, só fez aumentar o carinho de minha mulher por ele; ela, como já disse, possuía, em alto grau, aquele humano

sentimento que fora outrora o traço distintivo e a fonte de muitos dos meus mais simples e mais puros prazeres.

Com a minha aversão por esse fato, porém, sua predileção por mim parecia aumentar. Acompanhava meus passos com uma pertinácia que o leitor dificilmente compreenderá. Em qualquer parte onde me sentasse, enroscava-se ele debaixo de minha cadeira, ou pulava sobre meus joelhos, cobrindo-me com suas carícias repugnantes. Se me levantava para andar, metia-se entre meus pés, quase a derrubar-me, ou cravando suas longas e agudas garras em minha roupa, subia dessa maneira até o meu peito. Nessas ocasiões, embora tivesse o desejo de matá-lo com uma pancada, era impedido de fazê-lo, em parte por me lembrar de meu crime anterior, mas, principalmente - devo confessá-lo sem demora - por absoluto pavor do animal.

Esse pavor não era exatamente um pavor de mal físico, e, contudo, não saberia como defini-lo de outra forma. Tenho quase vergonha de confessar - sim, mesmo nesta cela de criminoso - tenho quase vergonha de confessar que o terror e o horror, que o animal me inspirava, tinham sido aumentados por uma das mais simples quimeras que seria possível conceber.

Minha mulher chamara mais de uma vez minha atenção para a natureza da marca de pelo branco de que falei e que constituía a única diferença visível entre o animal estranho e o que eu havia matado. O leitor há de recordar-se que esta mancha, embora larga, fora a princípio de forma bem imprecisa, mas, por leves gradações - gradações quase imperceptíveis e que, durante muito tempo, a razão forcejou para rejeitar como imaginárias - tinha afinal

assumido uma rigorosa precisão de contorno. Era agora a reprodução de um objeto que tremo em nomear - e por isso, acima de tudo, eu detestava e temia o monstro e ter-me-ia livrado dele, se o ousasse - era agora, digo, a imagem de uma coisa horrenda, de uma coisa apavorante, de uma força. Oh! Lúgubre e terrível máquina de Horror e de Crime, de Agonia e de Morte.

E então eu era em verdade um desgraçado, mais desgraçado que a própria desgraça Humana. E um bronco animal, cujo companheiro eu tinha com desprezo destruído, um bronco animal preparava para mim - para mim, homem formado à imagem do Deus Altíssimo - tanta angústia intolerável. Ai de mim! Nem de dia nem de noite era-me dado mais gozar a bênção do repouso! Durante o dia, o bicho não me deixava um só momento e, de noite, eu despertava, a cada instante, de sonhos de indizível pavor para sentir o quente hálito daquela coisa no meu rosto, e o seu enorme peso, encarnação de pesadelo, que eu não tinha forças para repelir, oprimindo eternamente o meu coração!

Sob a pressão de tormentos tais como estes, os fracos restos de bondade que havia em mim sucumbiram. Meus únicos companheiros eram os maus pensamentos, os mais negros e maléficos pensamentos. O mau humor de meu temperamento habitual aumentou, levando-me a odiar todas as coisas e toda a humanidade; ao passo que minha resignada esposa era a mais constante e mais paciente vítima das súbitas, frequentes e indomáveis explosões de uma fúria a que eu agora me abandonava cegamente.

Certo dia ela me acompanhou, para alguma tarefa doméstica, até a adega do velho prédio que nossa pobreza nos compelira a ter de habitar. O gato desceu os degraus, seguindo-me e quase me lançou ao chão, exasperando-me até à loucura. Erguendo um machado, e esquecendo na minha cólera o medo pueril, que tinha até ali sustido minha mão, descarreguei um golpe no animal, que teria, sem dúvida, sido instantaneamente fatal, se eu o houvesse assestado como desejava. Mas esse golpe foi detido pela mão de minha mulher. Espicaçado por essa intervenção, com uma raiva mais do que demoníaca, arranquei meu braço de sua mão e enterrei o machado no seu crânio. Ela caiu morta imediatamente, sem um gemido.

Executado tão horrendo crime, logo e com intensa decisão entreguei-me à tarefa de ocultar o corpo. Sabia que não podia removê-lo da casa, nem de dia nem de noite, sem correr o risco de ser observado pelos vizinhos. Muitos projetos me atravessavam a mente. Em dado momento pensei em cortar o cadáver em pedaços miúdos e queimá-los. Em outro, resolvi cavar uma cova para ele, no chão da adega. De novo deliberei lançá-lo no poço do pátio, metê-lo num caixote, como uma mercadoria, com os cuidados usuais, e mandar um carregador retirá-lo da casa. Finalmente, detive-me no que considereei um expediente bem melhor que qualquer um destes. Decidi emparedá-lo na adega, como se diz que os monges da Idade Média emparedavam suas vítimas.

Para um objetivo semelhante estava a adega bem adaptada. Suas paredes eram de construção descuidada e tinham sido ultimamente recobertas, por completo, de um reboco grosseiro, cujo endurecimento a umidade da atmosfera impedira. Além disso, em

uma das paredes havia uma saliência causada por uma falsa chaminé ou lareira, que fora tapada para não se diferenciar do resto da adega. Não tive dúvidas de que poderia prontamente retirar os tijolos naquele ponto, introduzir o cadáver e emparedar tudo como antes, de modo que olhar algum pudesse descobrir qualquer coisa suspeita.

E não me enganei nesse cálculo. Por meio de um gancho desalojei facilmente os tijolos e, tendo cuidadosamente depositado o corpo contra a parede interna, sustentei-o nessa posição, enquanto, com pequeno trabalho, repus toda a parede no seu estado primitivo; tendo procurado argamassa, areia e fibra, com todas as precauções possíveis preparei um estuque que não podia ser distinguido do antigo e com ele, cuidadosamente, recobri o novo entijolamento. Quando terminei, senti-me satisfeito por ver que tudo estava direito. A parede não apresentava a menor aparência de ter sido modificada. Fiz a limpeza do chão, com o mais minucioso cuidado. Olhei em torno com ar triunfal e disse a mim mesmo: "Aqui pelo menos meu trabalho não foi em vão !

Tratei, em seguida, de procurar o animal, que fora causa de tamanha desgraça pois resolvera afinal decididamente matá-lo. Se tivesse podido encontrá-lo naquele instante, não poderia haver dúvida a respeito de sua sorte. Mas parecia que o manhoso animal ficara alarmado com a violência de minha cólera anterior e evitava arrostar a minha raiva do momento. É impossível descrever ou imaginar a profunda e abençoada sensação do alívio que a ausência da detestada criatura causava no meu íntimo. Não me apareceu durante a noite. E assim, por uma noite pelo menos, desde que ele

havia entrado na casa, dormi profunda e tranquilamente. Sim, dormi, mesmo com o peso de uma morte na alma.

O segundo e o terceiro dia se passaram, e, no entanto, o meu carrasco não apareceu. Mais uma vez respirei, como um homem livre. Aterrorizado, o monstro abandonara a casa para sempre! Não mais o veria! Minha ventura era suprema! Muito pouco me perturbava a culpa de minha negra ação. Poucos interrogatórios foram feitos e tinham sido prontamente respondidos. Dera-se mesmo uma busca, mas, sem dúvida, nada foi encontrado. Considerava assegurada a minha futura felicidade.

No quarto dia, depois do crime, chegou, bastante inesperadamente, à casa, um grupo de policiais, que procedeu de novo à rigorosa investigação dos lugares. Confiando, porém, na impenetrabilidade de meu esconderijo, não senti o menor incômodo. Os agentes ordenaram-me que os acompanhasse em sua busca. Nenhum escaninho ou recanto deixaram inexplorado. Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram à adega. Nenhum músculo meu estremeceu. Meu coração batia calmamente, como o de quem dorme o sono da inocência. Caminhava pela adega de ponta a ponta; cruzei os braços no peito e passeava tranquilo para lá e paia cá. Os policiais ficaram inteiramente satisfeitos e preparavam-se para partir. O júbilo de meu coração era demasiado forte para ser contido. Ardia por dizer pelo menos uma palavra, a modo de triunfo, e para tornar indubitavelmente segura a certeza neles de minha inculpabilidade.

- Senhores - disse por fim, quando o grupo subia a escada.

- Sinto-me encantado por ter desfeito suas suspeitas. Desejo a todos saúde e um pouco mais de cortesia. A propósito, cavalheiros, esta é uma casa muito bem construída... (no meu violento desejo de dizer alguma coisa, com desembaraço, eu mal sabia o que ia falando) - posso afirmar que é uma casa excelentemente bem construída. Estas paredes - já vão indo, senhores? - estas paredes estão solidamente edificadas.

E aí, por simples frenesi de bravata, bati pesadamente com uma bengala, que tinha na mão, justamente naquela parte do entijolamento, por trás do qual estava o cadáver da mulher de meu coração.

Mas, praça a Deus proteger-me e livrar-me das garras do Demônio! Apenas mergulhou no silêncio a repercussão de minhas pancadas, logo respondeu-me uma voz do túmulo. Um gemido, a princípio velado e entrecortado, como o soluçar de uma criança, que depois rapidamente se avolumou, num grito prolongado, alto e contínuo, extremamente anormal e inumano, um urro, um guincho lamentoso, meio de horror e meio de triunfo, como só do Inferno se pode erguer, a um tempo, das gargantas dos danados na sua agonia e dos demônios que exultam na danação.

Loucura seria falar de meus próprios pensamentos. Desfalecendo, recuei até a parede oposta. Durante um minuto o grupo que se achava na escada ficou imóvel, no paroxismo do medo e de pavor. Logo depois uma dúzia de braços robustos se atarefava em desmanchar a parede. Ela caiu inteiriça. O cadáver, já grandemente decomposto e manchado de coágulos de sangue, erguia-se, ereto, aos olhos dos espectadores. Sobre sua cabeça, com a boca vermelha

escancarada e o olho solitário chispante, estava assentado o horrendo animal, cuja astúcia me induzira ao crime e cuja voz delatora me havia apontado ao carrasco. Eu havia emparedado o monstro no túmulo.

